



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE BIOCÊNCIAS

ALYNE MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**A RELAÇÃO TRABALHO-SAÚDE DAS MARISQUEIRAS NA
ATIVIDADE DA PESCA ARTESANAL: REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Recife
2022

ALYNE MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**A RELAÇÃO TRABALHO-SAÚDE DAS MARISQUEIRAS NA
ATIVIDADE DA PESCA ARTESANAL: REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biomedicina da Universidade Federal de
Pernambuco, como pré-requisito à
obtenção do título de Bacharel em
Biomedicina.

Orientador: Me. Paulo Victor Rodrigues de Azevedo Lira
Co-orientadora: Dra. Mariana Olívia Santana dos Santos

Recife
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Alyne Maria da Silva.

A relação trabalho-saúde das marisqueiras na atividade da pesca artesanal:
revisão integrativa da literatura / Alyne Maria da Silva Nascimento. - Recife,
2022.

73 p. : il., tab.

Orientador(a): Paulo Victor Rodrigues de Azevedo Lira

Cooorientador(a): Mariana Olívia Santana dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Biociências, Biomedicina, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Saúde do Trabalhador. 2. Pesca. 3. Mulheres. 4. Doenças Profissionais. 5.
Determinação Social da Saúde. I. Lira, Paulo Victor Rodrigues de Azevedo.
(Orientação). II. Santos, Mariana Olívia Santana dos. (Coorientação). III. Título.

610 CDD (22.ed.)

ALYNE MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**A RELAÇÃO TRABALHO-SAÚDE DAS MARISQUEIRAS NA
ATIVIDADE DA PESCA ARTESANAL: REVISÃO INTEGRATIVA DA
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biomedicina da Universidade Federal de Pernambuco, como pré-requisito à obtenção do título de Bacharel em Biomedicina.

Aprovada em: 01 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Me. Paulo Victor Rodrigues de Azevedo Lira - Orientador e Presidente da banca
Instituto de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ

Me. José Erivaldo Gonçalves - 1ª Examinador
Instituto de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ

Esp. Luiza Carla de Melo - 2ª Examinadora
Instituto de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ

A quem luta por um mundo novo.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é para ela. À minha mãe, Ivania. Obrigada por todo o amor, dedicação e paciência. Obrigada por me ensinar a ser guerreira, como você. Te amo muito!

Agradeço ao meu orientador e camarada, Paulo Lira, pela disponibilidade, por todas as importantes contribuições e por ser essa grande referência para mim.

À minha co-orientadora, Mariana Olívia, pelos conselhos, disponibilidade e por sempre incentivar o melhor de mim.

À toda equipe do Laboratório Saúde Ambiente e Trabalho (LASAT) pelo acolhimento e dedicação.

À Rafaella Machado, por toda a paciência, carinho e compreensão. Os campos não seriam os mesmos sem você. Obrigada por tudo!

À Eri, pelo apoio e carinho. Agradeço por todo o cuidado comigo, por me mostrar o significado de gentileza e por todo o tato nas pesquisas de campo.

À Luiza Melo, por me ensinar a importância da luta por uma saúde coletiva e popular. Obrigada pelo material compartilhado e pelo apoio.

À todes mis amigas, em especial à Laís, Eduardo, Tony, Élide, Hélio, Luanna, Nadrielle, Hiorranna, João Venâncio, Juno, Vickinho, Victória, Débora e Manu Lócio. Obrigada pelo apoio, ouvido, carinho e amor.

À Todes mis camaradas: Venceremos! Obrigada por tudo. Amo vocês!

À Marcello, meu companheiro de vida, pela jornada, paciência e por todo o amor. Obrigada por ser quem você é, e por ser tanto por e para mim. Agradeço todo o apoio, dedicação e carinho. Eu te amo!

À Maxuel, por se tornar meu lar. Agradeço por todo o apoio, conselhos, músicas e amor. Obrigada pelo ouvido, leitura e releitura de diversos trechos dessa pesquisa. Esse trabalho não sairia sem você. Te amo!

Agradeço, por fim, a todas as trabalhadoras e aos trabalhadores da pesca do litoral pernambucano, que durante o trabalho de campo acerca dos impactos do derramamento de petróleo, me deram a oportunidade de conhecer suas histórias e lutas.

"Difícilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem."

(Jorge Amado)

NASCIMENTO, Alyne Maria da Silva. **A relação trabalho-saúde das marisqueiras na atividade da pesca artesanal**: revisão integrativa da literatura. 2022. 73 folhas Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biomedicina) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

RESUMO

As cargas de trabalho presentes no processo de trabalho das marisqueiras estão relacionadas a realização de tarefas envolvendo sobrecarga de peso, longas jornadas, posturas nocivas e movimentos com esforços repetitivos. É importante considerar ainda que as pescadoras trabalham muitas vezes em contato com águas contaminadas por poluição industrial, agrotóxicos e outros agentes. As pescadoras apresentam as mais altas frequências de Lesões por Esforços Repetitivos e Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho (LER/DORT) dentre todas as categorias de trabalhadores. O conhecimento do processo produtivo e de adoecimento das marisqueiras na pesca artesanal é essencial para compreender os significados da perspectiva do papel da mulher marisqueira e favorecer a discussão entre as trabalhadoras, considerando a importância da discussão sobre as cargas de trabalho e sofrimentos físicos e mentais relacionados ao processo produtivo, no contexto da determinação social da saúde. Nesta pesquisa objetivou-se analisar a relação entre o processo produtivo e o adoecimento das marisqueiras no território brasileiro. Os estudos foram selecionados por meio de busca eletrônica nas bases de dados SciELO, LILACS com acesso via BVS e no CAPES. Foram revisados 11 artigos publicados. A partir dos estudos selecionados foram caracterizados o processo produtivo com foco nas condições e relações de trabalho, e o processo de adoecimento das trabalhadoras. Os principais apontamentos foram a precarização das condições de trabalho envolvendo locais de pesca inóspitos e poluídos, sobrecarga física, posturas inadequadas e ritmos de trabalho extenuantes envolvendo movimentos repetitivos, em consequência da necessidade de sobrevivência das trabalhadoras e suas famílias. Também foi observado que as marisqueiras realizam longas jornadas de trabalho, mesmo com altas prevalências de Distúrbios Musculoesqueléticos (DME) e LER/DORT. A precarização das condições e relações de trabalho é condição estruturante da relação trabalho-saúde das marisqueiras, de forma que se quisermos avançar para a conquista de uma sociedade em que o ser humano possa ser livre, precisamos ter um projeto de transformação social radical e, dentro deste, um programa para a saúde, com o SUS, e para além do SUS.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador. Pesca. Mulheres. Doenças Profissionais. Determinação Social da Saúde.

NASCIMENTO, Alyne Maria da Silva. **The work-health relationship of shellfish gatherers in artisanal fishing: an integrative literature review.** 2022. 73 pages. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biomedicina) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

ABSTRACT

The workloads present in the work process of shellfish gatherers are related to carrying out tasks involving weight overload, long working hours, harmful postures and movements with repetitive efforts. It is also important to consider that fisherwomen often work in contact with water contaminated by industrial pollution, pesticides and other agents. Fisherwomen have the highest frequencies of Repetitive Strain Injuries and Work-Related Osteoarticular Diseases (RSI/WRMD) among all categories of workers. Knowledge of the production process and the illness of shellfish gatherers in artisanal fisheries is essential to understand the meanings of the perspective of the role of shellfish gatherers and encourage discussion among workers, considering the importance of discussing workloads and related physical and mental suffering. to the production process, in the context of the social determination of health. This research aimed to analyze the relationship between the production process and the illness of shellfish gatherers in Brazilian territory. The studies were selected through an electronic search in the databases SciELO, LILACS with access via the BVS, and CAPES. 11 published articles were reviewed. From the selected studies, we characterized the labor process with a focus on working conditions and work relationships, and the process of illness of the workers. The main points were the precariousness of working conditions involving inhospitable and polluted fishing places, physical overload, inadequate postures and strenuous work rhythms involving repetitive movements, as a result of the need for survival of workers and their families. It was also observed that shellfish gatherers work long hours, even with high prevalence of Musculoskeletal Disorders (MSD) and RSI/WRMD. The precariousness of working conditions and relationships is a structuring condition of the work-health relationship of shellfish gatherers, so that if we want to advance towards the conquest of a society in which human beings can be free, we need to have a radical social transformation project and, within this, a program for health, with the SUS, and beyond the SUS.

Key words: Occupational Health. Fisheries. Women. Occupational Diseases. Social Determination of Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Estratégia PICO para estruturação da pergunta da pesquisa.....	26
Figura 1 – Fluxograma prisma adaptado da seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa.....	28
Quadro 2 – Características gerais dos estudos.....	32
Figura 2 – Fluxograma das referidas etapas do processo de trabalho das marisqueiras.....	35
Quadro 3 – Categoria I - Processo produtivo da pesca artesanal.....	36
Figura 3 – Foto sobre postura típica do trabalho da marisqueira – Ilha de Maré, 2007	43
Figura 4 – Sobrecarga física no transporte de mariscos capturados, na mariscagem. Ilha do Paty, Brasil, 2012.....	44
Figura 5 – Beneficiamento de pescado por marisqueira. Ilha do Paty, Brasil, 2012.....	45
Figura 6 – Além de uma comunidade organizacional, as marisqueiras formam vínculos de pertencimento e afeto.....	46
Quadro 4 – Categoria II - Processo de adoecimento das marisqueiras.....	53
Quadro 5 – Principais resultados e conclusões dos estudos.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição segundo locais dos estudos.....	31
Tabela 2 – Principais doenças de trabalho da pesca de mariscos relatadas nos artigos.....	49
Tabela 3 – Principais acidentes de trabalho nas atividades da pesca de mariscos relatados nos artigos.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CNS	Conferência Nacional de Saúde
DECS	Descritores em Ciências da Saúde
DME	Distúrbios Musculoesqueléticos
DORT	Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho
DSAST	Departamento de vigilância em saúde ambiental e saúde do trabalhador
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
LER	Lesões por Esforços Repetitivos
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
PNSTT	Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora
RENAST	Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador
RGP	Registro Geral da Pesca
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SUS	Sistema Único de Saúde
VISAT	Vigilância em Saúde do Trabalhador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OBJETIVOS.....	16
2.1	Objetivo Geral.....	16
2.2	Objetivos Específicos.....	16
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3.1	A pesca artesanal brasileira.....	17
3.1.1	O trabalho, a marisqueira e seu processo de trabalho.....	19
3.2	Determinação Social do processo saúde-doença.....	21
3.3	Saúde do trabalhador e a relação trabalho-saúde.....	23
4	METODOLOGIA.....	26
4.1	Primeira etapa: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa.....	26
4.2	Segunda etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura.....	26
4.3	Terceira etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos.....	28
4.4	Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa.....	29
4.5	Quinta etapa: interpretação dos resultados.....	30
4.6	Sexta etapa: Apresentação da revisão/ síntese do conhecimento.....	30
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
5.1	Características Gerais dos estudos.....	31
5.2	O processo produtivo da pesca artesanal.....	35
5.2.1	As Condições de trabalho.....	43
5.2.2	As Relações de trabalho.....	45
5.3	O processo de adoecimento das marisqueiras.....	48
5.4	Perspectivas e recomendações.....	57
6	CONCLUSÃO.....	64
	REFERÊNCIAS.....	67
	APÊNDICE A - FLUXOGRAMA PRISMA ADAPTADO.....	72
	APÊNDICE B - MATRIZ DE SÍNTESE.....	73

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é o processo de produção da base material da sociedade por meio da transformação da natureza, isto é, todo processo histórico de construção do indivíduo e da sociedade tem, nessa base material, o seu fundamento (MARX, 2010; LESSA; TONET, 2011). A atividade da pesca representa uma importante modalidade de trabalho no Brasil.

De acordo com Pena e Martins (2014), a pesca acontece em duas escalas: industrial ou artesanal, a primeira envolve grandes companhias e embarcações dotadas de sofisticados equipamentos de navegação e cadeia produtiva robusta e a segunda realizada por embarcações de médio e pequeno porte (ou até sem) e equipamentos artesanais.

As relações de trabalho na categoria industrial são, em geral, assalariadas. Por outro lado, as pescadoras artesanais no Brasil são autônomas, sobrevivem em condições precárias de vida, não dispõem de recursos econômicos para aquisição de equipamentos de proteção coletiva e individual, e dependem da proteção social do Estado e dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). Conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), trabalhadores da pesca artesanal são identificados sob o título de pescadores polivalentes, contemplando catadoras de mariscos (BRASIL, 2018; BRASIL, 2022; PENA; MARTINS, 2014).

Segundo os últimos dados oficiais do extinto Ministério da Pesca e Aquicultura, até 2009 estavam registrados 833.205 trabalhadoras e trabalhadores da pesca, distribuídos nas 26 Unidades da Federação e no Distrito Federal. A Região Nordeste concentra o maior número de pescadores e pescadoras/marisqueiras, com 386.081, que representa 46,3% do total do país, seguida pela Região Norte, com 266.476 (31,9%). Em relação à questão de gênero, cerca de 64% (526.894) dos pescadores com Registro Geral da Pesca (RGP) são do sexo masculino, e 36% (306.311) do sexo feminino.

Em termos regionais, o Nordeste é a região que apresenta a maior proporção de mulheres na pesca, com 161.741, representando 41,9% do total na região (BRASIL, 2009). No ano de 2015, a atividade da pesca foi incorporada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no qual não foram encontrados dados

oficiais acerca do número de profissionais registrados atualmente (BRASIL, 2008).

Neste estudo foram adotados como sinônimos os termos “marisqueiras” e “pescadoras” articulando a identidade de marisqueira e mulher trabalhadora da pesca (SACRAMENTO, 2019). Nas comunidades pesqueiras, comumente, ao homem cabe ser o pescador ou náutico e as mulheres historicamente passaram a ser reconhecidas como marisqueiras, ainda que na prática essas mulheres exerçam também a arte da pesca. O processo de trabalho das marisqueiras não se trata apenas da coleta de mariscos, mas de uma totalidade de representações subjetivas, essencial para a construção de sua identidade (PENA; MARTINS, 2014; SACRAMENTO, 2019).

Comum em regiões estuarinas, a mariscagem é uma importante atividade da pesca artesanal, predominantemente executada por mulheres que coletam marisco, caranguejo, siri, aratu, ostras dentre outros tipos de crustáceos. Dentre as tarefas que constituem a jornada de trabalho das marisqueiras estão o deslocamento para os mangues, rios e lagos; o conserto de redes; o preparo das ferramentas utilizadas; a pesca; o cozimento dos mariscos até a venda do produto final (BRASIL, 2018).

As cargas de trabalho presentes no processo de trabalho das marisqueiras estão relacionadas a realização de tarefas envolvendo sobrecarga de peso, longas jornadas de trabalho, posturas nocivas e movimentos repetitivos. É importante considerar ainda que as pescadoras trabalham muitas vezes em contato com águas contaminadas por esgoto, por resíduos industriais, agrotóxicos e outros agentes (BRASIL, 2018).

O papel da mulher na prática da pesca artesanal vai além da atividade nos manguezais, mares e rios. Entre a pesca e atividades do seu próprio lar, as mulheres exercem dupla jornada de trabalho e enfrentam diariamente as consequências da divisão sexual do trabalho, a submissão ao trabalho reprodutivo e a violência contra a mulher (PENA; MARTINS, 2014). Assim, o perfil das particularidades do adoecimento das marisqueiras não se deve apenas a aspectos biológicos, mas também à divisão sexual do trabalho resultante de processos históricos e sociais que determinam essa diferenciação. São as condições históricas e sociais, o acesso ao ensino e a situação econômica que proporcionam essa divisão do trabalho por sexo (ENGELS, 2012; PENA; MARTINS, 2014; SAFFIOTI,

1976).

Nesse sentido, o processo de adoecimento resultante das condições de trabalho ou da forma em que o trabalho é realizado, pode surgir após longos períodos de exposição aos riscos relacionados às tarefas. Para as pescadoras e pescadores artesanais, existem mais de 60 doenças do trabalho já identificadas. Devido à sobrecarga de trabalho manual, com excesso de movimentos e esforços repetitivos, extensas jornadas diárias, sem pausa, férias, feriados ou finais de semana para descanso, as pescadoras artesanais estão expostas ao risco de Lesões por Esforços Repetitivos e Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho (LER/DORT) (BRASIL, 2018).

Segundo o Departamento de vigilância em saúde ambiental e saúde do trabalhador (DSAST), as pescadoras marisqueiras apresentam as mais altas frequências de LER/DORT dentre todas as categorias de trabalhadores, mas que persistem desconhecidas nos serviços de saúde do SUS. Além disso, há uma constante exposição ao chumbo por pescadoras (es) artesanais que, no momento de lançar a tarrafa nas águas, colocam a rede na boca e prendem um peso de chumbo entre os dentes até o arremesso na água. Há ainda, relatos acerca do uso de óleo diesel e querosene no corpo diante da falta de repelentes, tais compostos químicos são ricos em hidrocarbonetos e tolueno, que podem prejudicar a saúde causando câncer e outras doenças de pele (BRASIL, 2018).

Para Laurell (1982), o processo saúde-doença é determinado pela forma como se produz riqueza, como é distribuída e as relações que surgem a partir dela, ou seja, o modelo econômico de nossa sociedade. Na sociedade capitalista as necessidades humanas, incluindo a saúde, serão sempre e permanentemente reduzidas à possibilidade de acumulação de capital. A compreensão do processo saúde-doença é fundamental para uma prática baseada na clínica ampliada, no vínculo com o paciente, no processo de cuidado humanizado, no acolhimento, na promoção à saúde, na prevenção de doenças, na redução de danos, no atendimento integral, etc; entendendo que dependem do grau de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção estabelecidas, não estando alheio ao modo de produção em que estão inseridos (ALBUQUERQUE; SILVA, 2014).

A saúde pública e coletiva apresenta uma práxis inserida no mundo do

trabalho marcada principalmente pela constituição do campo saúde do trabalhador (LIRA, 2018), que no que lhe concerne, busca conhecer e intervir nas relações trabalho e saúde-doença, reafirmando a classe trabalhadora como sujeito de transformações de seus ambientes e processos de trabalho (MENDES; DIAS, 1991; GOMEZ; LACAZ, 2005; LACAZ, 2007). Nesse contexto, a pesca artesanal representa um grande desafio. Trata-se de homens, crianças e principalmente mulheres expostas aos mais variados riscos e a processos de adoecimento, sem acesso à proteção de sua saúde enquanto trabalhadores e trabalhadoras.

O conhecimento do processo produtivo e de adoecimento das marisqueiras na pesca artesanal é essencial para compreender os significados da perspectiva do papel da mulher marisqueira e favorecer a discussão entre as trabalhadoras, considerando a importância da discussão sobre as cargas de trabalho e sofrimentos físicos e mentais relacionados ao processo produtivo, bem como da sua importância no âmbito familiar e social, no contexto da determinação social da saúde.

A justificativa desta investigação pauta-se na necessidade de identificar e compreender a relação entre as condições de trabalho e seus impactos na saúde das trabalhadoras marisqueiras da pesca artesanal. Sendo assim, o estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que objetiva realizar uma síntese de um assunto ou referencial teórico para que se alcance uma maior compreensão e entendimento de uma questão, proporcionando uma ampla análise da literatura (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Através da revisão integrativa da literatura, é possível a construção da síntese do conhecimento produzido acerca do tema e a partir dessa análise, poderão ser apontadas lacunas encontradas na literatura e quais caminhos futuros poderão ser adotados em pesquisas científicas sobre a temática. Nesse sentido, a questão condutora da investigação foi: **“Como se dá a relação entre o processo produtivo e o adoecimento das marisqueiras no Brasil?”**

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a relação entre o processo produtivo e o adoecimento das marisqueiras no território brasileiro.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar e selecionar os estudos que abordam a relação trabalho-saúde na atividade das marisqueiras;
- b) Categorizar os estudos selecionados;
- c) Caracterizar o processo produtivo, com foco nas condições e relações de trabalho;
- d) Descrever o processo de adoecimento das trabalhadoras.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A pesca artesanal brasileira

Há cerca de 1 milhão de pescadoras e pescadores no Brasil, sendo 99% trabalhadores e trabalhadoras da pesca artesanal e credenciados pelo RGP (Registro Geral da Atividade Pesqueira), que regulamenta as práticas exercidas por estes profissionais, tratando de seus deveres e benefícios (DA SILVA, 2014). Este contingente significativo é agregado historicamente em comunidades distribuídas de forma heterogênea ao longo do litoral ou nas bacias hidrográficas (BRASIL, 2022).

A pesca artesanal é um trabalho caracterizado pela captura de diversos tipos de pescado, geralmente utilizando embarcações de pequeno e médio porte (ou até sem) e ferramentas artesanais (PENA; MARTINS, 2014). Difundida ao redor do mundo, representa uma importante modalidade de trabalho no Brasil influenciada por diversos fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais. Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), 17% do consumo de proteína no mundo é feita pela pesca artesanal (FAO, 2020).

O Brasil possui uma das maiores linhas de costa do mundo, com cerca de 8.500 km de extensão, e uma grande diversidade de organismos marinhos, considerados recursos econômicos e naturais (FIPERJ, 2016), no entanto, embora a pesca brasileira seja uma atividade econômica das mais tradicionais, informações como produção do pescado e quantidade de pescadores não é conhecida com precisão, tendo o último boletim estatístico divulgado em 2013 pelo extinto Ministério da Pesca e Aquicultura.

Os profissionais da pesca artesanal são organizados e representados por meio de colônias de pescadores ou associações, organizações seculares e representantes da categoria, que se unem em instâncias estaduais e nacionais. O artigo 8º da Constituição Brasileira de 1988 garante que as colônias de pescadores representem a categoria de pescadores artesanais, no entanto, a legislação pesqueira no Brasil tem sido alvo de profundas mudanças na pesca artesanal, e a regulamentação e controle da pesca atualmente é de responsabilidade da Secretaria

de Pesca do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SANTOS et al., 2022).

Além de suas raízes indígenas, a pesca brasileira se soma à influência da cultura dos povos africanos e europeus, podendo ser vista em diferentes relações religiosas e conexões com a natureza. As (os) trabalhadoras (es) dependem do ritmo das marés, dos ciclos de reprodução das espécies, estações do ano, ciclos lunares, entre outras particularidades e atributos da natureza. Além de ser fonte de condições objetivas de vida, a pesca artesanal é uma forma de manter laços humanos.

Suas vidas eram, assim, profundamente influenciadas pela relação que tinham com as águas, fossem estas do mar, dos rios ou dos mangues. Isso, porém, não quer dizer que pescadores, canoieiros e marinheiros tivessem seus modos de vida determinados pela natureza. É no mundo social, nas configurações que historicamente entrelaçam comunidades marítimas e litorâneas com a sociedade mais ampla e circundante, que se deve buscar o nexos das formas de relação com o mundo natural. (SILVA, 2001, p.9)

É através do conhecimento dos mares, rios, lagos e manguezais, passado de geração em geração, que os grupos familiares adquirem identidade e afinidade com a pesca, além de seu produto ser voltado para a alimentação imediata da família do pescador e também como fonte importante de meios econômicos para toda a comunidade envolvida. Assim, a pesca artesanal oferece mais do que condições objetivas de subsistência para as comunidades pesqueiras brasileiras. Devido à interação dos trabalhadores e trabalhadoras com o ambiente natural, há também uma subjetividade que varia de região para região (OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Nos últimos anos, o Brasil vem investindo intensamente na indústria petroquímica, expandindo parques industriais em vários estados brasileiros, principalmente nos estados do Nordeste que investiram na construção e/ou modernização de complexos portuários e petroquímicos nos últimos 15 anos. São exemplos: Refinaria Pernambucana Abreu e Lima e Petroquímica Suape, Refinaria Potiguar Clara Camarão no Rio Grande do Norte, Ampliação da Planta Petroquímica em Camaçari, Bahia e Refinarias Premium I e Premium II (GURGEL, 2011), que

seriam instaladas respectivamente no Maranhão e Ceará mas que tiveram suas obras canceladas em 2015.

Estudos demonstram os potenciais perigos além da geração de situações de vulnerabilização, conflitos e injustiças ambientais decorrentes do processo de implementação destas indústrias, bem como, os novos perigos ambientais e para saúde dos trabalhadores e população introduzidos nos territórios e impactam negativamente de forma diferenciada as populações tradicionais do campo e das águas, como comunidades de pescadores/as e marisqueiras (SILVA, et al., 2015; NETO et al., 2017; RIGOTTO et al., 2018; SANTOS et al., 2019).

Com a chegada da lama de rejeitos de mineração à foz do Rio Doce, decorrente do desastre do rompimento da barragem de Mariana-MG, houve contaminação ao meio ambiente e prejuízos para a biodiversidade, com morte de espécies (peixes, tartarugas, corais, entre outras) e relato de doenças em pescadoras (es) a exemplo de transtornos mentais e da doença autoimune pênfigo foliáceo, conhecida como fogo selvagem (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, é fundamental destacar que os desastres com o óleo no litoral nordestino e o rompimento da barragem de Mariana-MG permanecem afligindo essa população, no entanto, eles apenas evidenciam problemas corriqueiros que existem para além deles, como a destruição dos nossos mares, rios, mangues, fauna brasileira e as relações trabalho e saúde-doença dessas trabalhadoras, decorrentes do modo de produção capitalista.

A Medicina Social Latino-Americana compreende as relações trabalho e saúde-doença através do *processo de trabalho*, categoria explicativa que se inscreve nas relações sociais de produção estabelecidas entre capital e trabalho (LACAZ, 2007). Pensar as questões que perpassam a pesca artesanal e a saúde das pescadoras nessa atividade inclui considerar essas questões.

3.1.1 O trabalho, a marisqueira e seu processo de trabalho

O trabalho é, ontologicamente, a ação do homem sobre a natureza para transformá-la e a si mesmo (MARX, 2010; LESSA; TONET, 2011). No modo de produção capitalista, o trabalho, ato que deveria ser finalidade básica do ser social, se converte em meio de subsistência (MARX, 2010; ANTUNES, 2011)

Considerando o processo produtivo da pesca artesanal, as cargas de trabalho das marisqueiras envolvem sobrecarga de peso; longas jornadas de trabalho; posturas nocivas; movimentos com esforços repetitivos; radiação solar não ionizante; alta pressão atmosférica nas atividades de mergulho; umidade e; eventos climáticos como chuvas, ventos e variação térmica. Ainda, as pescadoras trabalham muitas vezes em contato com águas contaminadas por esgoto, por poluição industrial, agrotóxicos e outros agentes (BRASIL, 2018). Os principais locais de trabalho são as praias, mangues e estuários dos rios (PENA; MARTINS, 2014).

Cheguei em casa fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Sai indisposta, com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa. Não têm o privilégio de gozar descanso. (JESUS, 2020, p.20)

O relato que Carolina Maria de Jesus faz sobre as dificuldades da vida na favela, dá mais sentido à luta das pescadoras em defesa do território (SACRAMENTO, 2019) e poderia referir-se ao cotidiano vivenciado por uma marisqueira.

Segundo Pena e Martins (2014), a organização de trabalho se dá em grande parte pelo conhecimento popular que as trabalhadoras têm acumulado. Trata-se do conhecimento ligado à natureza e a sobrevivência da pesca, como: ciclos das marés; estratégias e instrumentos para captura dos mariscos e peixes frequentes na região; áreas de maior ocorrência para mariscagem; estações do ano, ciclo luna; formas de reprodução e melhores épocas para a pesca; receitas de pré-cozimento para retirada das conchas; fabricação e manutenção dos instrumentos de trabalho, etc

As técnicas ou instrumentos rudimentares utilizados são: faca ou facão para a coleta de ostras em pedras; colher de pau ou alumínio e pequenas enxadas para cavar e/ou raspar a areia na identificação do marisco; panela de alumínio e/ou lata para armazenamento da coleta; balde para o

transporte do produto. Alguns mariscos são preparados com limpeza e pré-cozimento para a venda, e isto exige o uso de outros instrumentos como panela e lenha para preparo do fogo [...] (PENA; MARTINS, 2014, p.61).

Nas atividades da pesca, as mulheres detêm o saber e exercem práticas de todas as etapas do trabalho nas águas, e se somam ao trabalho doméstico, configurando uma dupla jornada. As relações de trabalho nesta categoria são, em geral, não são remuneradas e estão ligada à informalidade. O produto geral do trabalho é o marisco coletado e tratado, alguns pré-cozidos para a venda no mercado (PENA; MARTINS, 2014).

3.2 Determinação Social do processo saúde-doença

O processo saúde-doença é o conjunto de relações e variáveis que geram e regulam os estados de saúde e doença de uma população, e tal processo varia ao longo do desenvolvimento humano e científico. O mundo passou pela teoria mística desse processo, onde se acreditava que forças sobrenaturais determinavam o adoecimento (BRASIL, 2005).

Logo em seguida, essa teoria foi superada pela explicação que o ar era o principal causador de doenças, pois carregava gases oriundos de matéria orgânica em putrefação, a teoria miasmática (BRASIL, 2005). Após esse momento, surge a teoria da unicausalidade que baseava-se na existência de apenas uma causa (agente), com a descoberta dos microorganismos, para um agravo ou doença. Essa concepção causou sucesso na prevenção de diversas doenças infecciosas, mas apresentou uma visão limitada em relação ao combate às enfermidades em geral (BATISTELLA, 2007)

Depois de muito debate e dados que comprovaram que o modelo não consegue explicar uma variedade de problemas de saúde, da epidemiologia clássica chegamos a uma atualização conhecida como multicausalidade, na qual não só o fator biológico causava doenças, mas também diversos outros fatores que vinha desde o social até o psicológico. Na década de 1970, são realizados os primeiros estudos de epidemiologia social, um campo da epidemiologia mais crítica e chegamos ao modelo da determinação social do processo saúde-doença. Esse

modelo traz a ideia de que saúde e doença não são estados causais aleatórios e isolados – saúde ou doença não são acidentais.

Em termos muito gerais, o processo saúde-doença é determinado pelo modo como o homem se apropria da natureza em um dado momento, apropriação que se realiza por meio de processo de trabalho baseado em determinado desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção. Em nossa opinião, as categorias sociais adotadas do materialismo histórico, que nos permitem desenvolver esta proposição geral e aprofundar e enriquecer a compreensão da problemática da essência do processo saúde-doença e sua determinação, são a classe social, tal como propõe Breilh e o processo de trabalho como foi desenvolvido em outro trabalho. (Laurell, 1983, p.16)

Nessa perspectiva BREILH (2013), o pioneiro neste modelo de explicação, afirma que: *“La determinación social de la salud es una de las tres categorías centrales de la propuesta para una epidemiología crítica, enunciada desde mediados de la década del 70 [...]”*. O autor reforça que a determinação social é umas das categorias centrais para a construção de uma epidemiologia crítica, pois compreende a lógica destrutiva da acumulação capitalista, mas que não desconsidera a dinâmica de lutas e a necessidade de transformação revolucionária.

Nesse sentido, o processo saúde-doença é social e biológico e não é contraditório esse caráter simultâneo. Como ilustração dessa dualidade, observamos que a forma como trabalhamos hoje é social, mas também biológica, pois implica algum tipo de atividade neuromuscular, metabólica, fisiológica etc. Quando comemos, comer em si é um ato biológico, mas o que comemos é um fato social. LAURELL nos ajuda a entender melhor esse dilema:

“O fato é se haver definido que o processo saúde-doença tem caráter histórico em si mesmo e não apenas porque está socialmente determinado, permite-nos afirmar que o vínculo entre o processo social e o processo biológico saúde-doença é dado por processos particulares, que são ao mesmo tempo sociais e biológicos [...]. Isto significa reconhecer a especificidade de cada um e, ao mesmo tempo, analisar a relação que conservam entre si, o que implica em conseguir as formulações teóricas e as categorias que nos permitam abordar seu estudo cientificamente [...]. Temos, por um lado, o processo social e, por outro, o processo biológico, sem que seja imediatamente visível como um se transforma no outro. Na verdade, enfrentamos uma “caixa negra”, na qual o social entra de um lado e o biológico sai de outro, sem que se saiba o que ocorre dentro dela [...]. Este modo de entender a relação entre o processo social e o processo saúde-doença aponta, por um lado, o fato de que o social tem uma

hierarquia distinta do biológico na determinação do processo saúde-doença e, por outro lado, opõe-se à concepção de que o social unicamente desencadeia processos biológicos imutáveis e a-históricos e permite explicar o caráter social do próprio processo biológico. Esta conceituação nos faz compreender como cada formação social cria determinado padrão de desgaste e reprodução e sugere um modo concreto de desenvolver a investigação a este respeito.” (Laurell, 1983, p.15)

Analisando o processo saúde-doença como um caráter dual (social e biológico), entendendo a hierarquia distinta do social em relação ao biológico, podemos dizer que o processo saúde-doença é determinado pela forma como se produz riqueza, como é distribuída e as relações que surgem a partir dela, ou seja, o modelo econômico de nossa sociedade.

A determinação social da saúde nos permite entender os impactos que nosso modelo de sociedade tem sobre o modo com que as pessoas adoecem e tem origem na medicina social latino-americana, influenciada pelo marxismo (BREILH, 2013). Não confundir com o conceito de determinantes sociais da saúde, que embora discuta problemas sociais que rebatem sobre a saúde, por exemplo o desemprego, demonstra uma insuficiente leitura radical da realidade, pois é no processo de acumulação capitalista que temos uma decisão essencial sobre o problema de saúde (SOUZA; SILVA; SILVA, 2013).

Portanto, é preciso compreender o papel do trabalho no processo de saúde-doença e as condições sociais envolvidas na vida da classe trabalhadora, admitindo o conceito mais ampliado de saúde proposto na 8a Conferência Nacional de Saúde (CNS) que entende a saúde para além de ausência de doença, como: transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra, etc.

3.3 Saúde do trabalhador e a relação trabalho-saúde

A relação trabalho-saúde, desde do processo da revolução industrial, teve intervenções realizadas nos locais de trabalho com a finalidade principal de manter a força de trabalho produtiva. Essas primeiras ações realizadas nos ambientes de

trabalho essencialmente atendiam aos interesses capitalistas e conformam o chamado campo da medicina do trabalho (MENDES; DIAS, 1991).

Com a conseqüente complexificação dos processos produtivos também é complexificada a abordagem relacionada à saúde nos ambientes e processos de trabalho. Ainda mantendo o forte caráter patronal, amplia-se a composição das equipes técnicas responsáveis por avaliar os ambientes de trabalho e adequá-los a limites de tolerância e exposições “seguras” aos trabalhadores. Apesar do seu caráter multiprofissional, e conseqüentemente multidisciplinar, essa abordagem não efetiva um real diálogo entre os conhecimentos, como também não incorpora os trabalhadores como sujeitos de sua saúde (MENDES; DIAS, 1991). Essas características conformam o chamado campo da “Saúde Ocupacional” ainda hegemônico contemporaneamente.

A insuficiência do modelo mecanicista proposto pela Saúde Ocupacional é questionada. Dentre essas questões, são levantados pontos acerca da suposta “neutralidade” da saúde ocupacional e seu campo conceitual, como os conceitos de limites de tolerância e exposição segura a substâncias danosas à saúde. A insuficiência da saúde ocupacional também é exposta na simplificação e distribuição de riscos e fatores de riscos no ambiente, desconsiderando o complexo processo de determinação social da saúde (MENDES; DIAS, 1991; MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

A partir destes questionamentos e da organização coletiva do movimento operário, sobretudo o operariado italiano, constrói-se elementos teóricos e práticos do que viria a ser batizado como campo da “Saúde do Trabalhador”. A experiência do movimento operário italiano dá corpo a princípios orientadores da saúde do trabalhador como a não delegação das ações de vigilância exclusiva a técnicos e ao Estado, a não monetização dos riscos, a realização de estudos independentes das empresas e o reconhecimento e incorporação do saber operário (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

A própria constituição do campo Saúde do Trabalhador é contraditória, uma vez que considera os trabalhadores como sujeitos de construção e intervenção sobre ambientes e processos de trabalho, também considera os aspectos

constitutivos do capitalismo, como a subsunção do trabalho ao capital. Os trabalhadores assim, assumem o protagonismo das ações, diferentemente das abordagens propostas pela Medicina do Trabalho e da Saúde Ocupacional, constituindo-se enquanto sujeitos políticos coletivos (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

No Brasil o campo saúde do trabalhador assume maior protagonismo no período de redemocratização do país a partir da década de 1980, caracterizado por ser campo de conhecimento, investigação e práxis, com caráter interdisciplinar e multiprofissional (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997). Assim, os primeiros passos da construção da Saúde do Trabalhador são dados, articulando o movimento sindical, trabalhadores, técnicos e pesquisadores comprometidos com a defesa da saúde dos trabalhadores e a compressão da centralidade da categoria trabalho no processo de determinação social da saúde.

Institucionalmente a saúde do trabalhador é incorporada na constituição de 1988 e posteriormente na lei orgânica de saúde (Lei 8.080/1990). Só a partir daí que o campo da saúde pública assume questões relacionadas à saúde dos trabalhadores, antes realizadas exclusivamente por instituições como a previdência e o trabalho. A perspectiva da Saúde do Trabalhador, institucionalizada com o Sistema Único de Saúde (SUS) universaliza as ações realizadas a todos os trabalhadores, independente de vínculo no mercado de trabalho, por exemplo. Além disso, o campo incorpora os princípios do movimento operário italiano, como a valorização do saber dos trabalhadores. Apenas em 2012 é instituída a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSTT), por meio da portaria 1.823/2012. . Em linhas gerais, a PNSTT incorpora os princípios e diretrizes do SUS em seu conteúdo. Mesmo assim, vários desafios são colocados frente a articulação de ações de Visat e uma maior difusão das ações em toda rede de saúde (MINAYO-GOMEZ, 2013). Dentre esses desafios, estão a atuação articulada da vigilância em saúde, bem como as formas de atuação da Visat em ambientes e processos de trabalho para além dos setores “formais”.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que objetiva realizar uma síntese de um assunto ou referencial teórico para se alcançar uma maior compreensão e entendimento de uma questão, proporcionando uma ampla análise da literatura (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). A seguir, pode-se observar o detalhamento das seis etapas de uma revisão integrativa e suas principais características:

4.1 Primeira etapa: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa

A primeira etapa serve como norteadora para a condução de uma revisão integrativa bem elaborada e se inicia com a identificação do tema e seleção da questão de pesquisa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para estruturação da pergunta de pesquisa foi escolhida a estratégia População, Intervenção e Contexto (PICO), com base nos passos estabelecidos por Araújo (2020).

Quadro 1 - Estratégia PICO para estruturação da pergunta da pesquisa

População (P)	Intervenção (I)	Contexto (Co)
Marisqueiras	Compreender a relação entre o processo produtivo e o processo de adoecimento	Território Brasileiro

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse sentido, a questão condutora da investigação foi: “Como se dá a relação entre o processo produtivo e o adoecimento das marisqueiras no Brasil?”

4.2 Segunda etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura

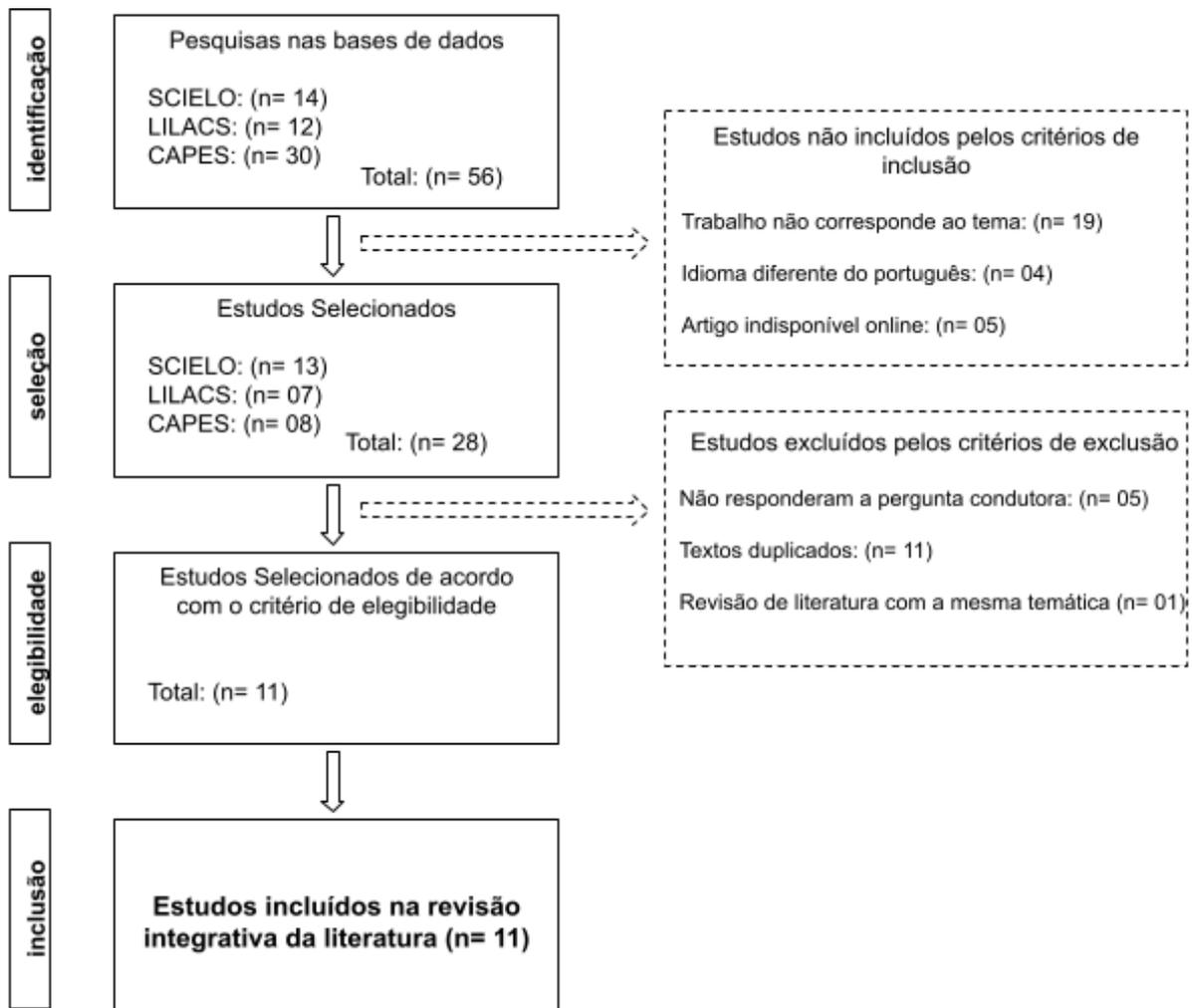
Para identificação dos estudos compreendidos na revisão, foram estabelecidos como critérios de inclusão: 1. publicações correspondentes ao tema; 2. publicações no idioma português, por se tratar de uma pesquisa de política de saúde brasileira; 3. publicações no formato artigo com texto completo, disponível online; Como critérios de exclusão, foram estabelecidos: 1. publicações que não responderem à pergunta norteadora; 2. textos duplicados; 3. revisões de literatura sobre a mesma temática.

A busca dos estudos foi realizada no portal Scientific Electronic Library Online (SciELO), na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para a busca dos artigos foram utilizados os seguintes descritores nas bases de dados SciELO: “Fishing” (Pescaria), “Women” (Mulheres) e “Health” (Saúde), separados pelo operador booleano “AND” (E); e “Saúde do trabalhador” AND “Pesca”. Junto à Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), acessando as bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) foram utilizados os seguintes descritores: “Fishing” (Pescaria), “Women” (Mulheres) e “Health” (Saúde), também separados pelo operador booleano “AND” (E). Por fim, para a busca na CAPES Periódicos foram utilizados os descritores: “Pesca” AND “Mulheres” AND “Saúde do Trabalhador”. A seleção do material ocorreu no mês de março de 2022. Todos os descritores foram definidos consoante com os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e escolhidos de maneira a refinar a busca.

Para a identificação dos estudos, foi realizada a leitura criteriosa dos títulos, resumos e palavras-chave de todas as publicações completas localizadas pela estratégia de busca. Nos casos em que o título, o resumo e as palavras-chave não foram suficientes para definir a seleção, buscou-se a publicação do artigo na íntegra. Posteriormente, foi verificada a adequação aos critérios de inclusão do estudo, obtendo assim, os estudos selecionados para a revisão integrativa. A partir da conclusão desse procedimento, verificou-se sua adequação aos critérios de exclusão, que resultaram nos estudos selecionados segundo os critérios de elegibilidade. Para esta etapa, foi utilizado um Fluxograma PRISMA adaptado (APÊNDICE A) da seleção das publicações para a revisão integrativa, para uma melhor compreensão do caminho percorrido para a seleção das publicações. Foram

identificados 56 estudos, sendo 14 indexados na SciELO, 12 na Lilacs e 30 na Capes Periódicos. Foram selecionados 28 estudos por atenderem aos critérios de inclusão, e logo após foram eliminados 17 estudos por meio dos critérios de exclusão, apresentando as devidas justificativas. Por fim, foram incluídos 11 estudos nesta revisão integrativa (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma Prisma adaptado da seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: Elaborado pela autora

4.3 Terceira etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos

É equivalente à etapa de coleta de dados de uma pesquisa tradicional. Nesta etapa o revisor visa organizar e sumarizar as informações de maneira concisa,

formando um banco de dados de fácil acesso e manejo. A categorização dos estudos selecionados tem por objetivo organizar e sistematizar as informações de maneira concisa, formando um banco de dados de fácil acesso e manejo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Devido à sua capacidade para resumir aspectos complexos do conhecimento, a matriz de síntese tem sido utilizada como ferramenta de extração e organização de dados de revisão da literatura em várias disciplinas. Não há matriz de síntese correta, apenas matrizes funcionais ou não. Dessa forma, a construção da matriz depende da interpretação do pesquisador e da maneira como ele organiza seus dados. (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 131).

Foi utilizada uma matriz de síntese (APÊNDICE B), onde foram contemplados os seguintes itens: (1) identificação do artigo, (2) título, (3) autoria, (4) ano de publicação, (5) características metodológicas do estudo, (6) objetivo do estudo, (7) principais elementos sobre o processo produtivo, (8) principais elementos sobre o processo de adoecimento, (9) principais resultados, (10) principais recomendações/conclusões. Após o preenchimento do instrumento de análise, foram criadas tabelas para sintetizar e comparar os dados obtidos para interpretação.

4.4 Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa

Esta etapa é análoga à análise dos dados em uma pesquisa convencional, em que há o emprego de ferramentas apropriadas. Para garantir a validade da revisão, os estudos selecionados devem ser analisados detalhadamente. A análise foi realizada de forma crítica, procurando explicações para os resultados diferentes ou conflitantes nos diferentes estudos.

Nesse estudo algumas questões foram utilizadas na avaliação crítica dos estudos selecionados, são elas: qual é a questão da pesquisa; por que é importante; os sujeitos selecionados para o estudo estão corretos; quais lacunas foram encontradas e quais pesquisas futuras serão necessárias.

4.5 Quinta etapa: interpretação dos resultados

Esta etapa diz respeito à discussão sobre os textos analisados na revisão integrativa. Fundamentado nos resultados da avaliação crítica dos estudos incluídos, foi realizada a comparação com o conhecimento teórico, a identificação de conclusões e implicações resultantes da revisão integrativa. A discussão foi pautada a partir de duas principais categorias temáticas.

Abaixo, segue a relação de categorias temáticas para a análise:

1. Processo Produtivo;
2. Processo de Adoecimento.

Para validação do estudo, foram apontadas as lacunas de conhecimento existentes e quais caminhos poderão ser adotados em pesquisas futuras.

4.6 Sexta etapa: Apresentação da revisão/ síntese do conhecimento

Essa última etapa consiste na elaboração do documento que deve contemplar a descrição de todas as fases percorridas, de forma criteriosa, e deve apresentar os principais resultados obtidos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Características Gerais dos Estudos

O *quadro 2*, abaixo, apresenta a síntese das características gerais dos 11 estudos selecionados para esta revisão integrativa, incluindo número de identificação do artigo, título, autoria, ano de publicação, características metodológicas e objetivos. Os estudos foram publicados entre os anos de 2011-2021 e estão ordenados conforme o ano de publicação. Observa-se que a maioria dos estudos (7) foram publicados mais recentemente demonstrando um aumento na publicação acerca desta temática. Quanto ao delineamento metodológico, a presente pesquisa incluiu estudos com abordagem qualitativa (6), estudos descritivos e transversais (3), pesquisa participativa de base comunitária (PPBC) (1), assim como artigo de resenha crítica publicada em revista científica (1). A distribuição quanto aos locais dos estudos são apresentados na tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição segundo locais dos estudos

Locais	Estudos	%
Bahia	8	72,80%
Ceará	2	18,20%
Região Nordeste	1	9,00%
Total	11	100,00%

Fonte: Elaborado pela autora

Como se observa na tabela supracitada, a maioria dos estudos selecionados (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A11) foram realizados no estado da Bahia, onde há uma valorosa produção de trabalhos sobre a temática. Dois artigos são do estado do Ceará (A9 e A10), e um artigo (A8) teve uma abordagem ao nível regional, retratando o Nordeste.

Quadro 2 - Características Gerais dos estudos

N	Título	Autoria	Ano	Características metodológicas	Objetivos do estudo
A1	Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia	Pena, P. G. L. Freitas, M. D. C. S. D. Cardim, A.	2011	Estudo qualitativo, ou etnográfico, no período de 2005 a 2007, em uma comunidade de 800 habitantes, situada em Ilha de Maré - Bahia. Foram entrevistados 30 pescadores e familiares, observados as atividades no trabalho e os casos suspeitos de LER encaminhados para serviço ambulatorial especializado.	Analisar o processo de trabalho artesanal e suas relações com a saúde em uma comunidade de pescadores artesanais, particularmente nas atividades de pesca extrativa de mariscos. Estudar as cadências e contingenciamentos de tempo e outras condições de trabalho relacionadas ao desenvolvimento de patologias como lesões por esforços repetitivos - LER
A2	Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras	Pena, P. G. L. Martins, V. Rego, R. F.	2013	Estudo de caso com metodologia qualitativa e abordagens etnográfica, ergonômica e de vigilância em saúde. O estudo foi realizado em comunidades de pescadores artesanais e marisqueiras, durante o período de 2005 a 2010.	Analisar os riscos e os agravos relacionados ao trabalho de pescadores e marisqueiras artesanais para contribuir com a construção de uma política de saúde do trabalhador não assalariado.
A3	Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil	Nóbrega et al.	2014	Estudo de intervenção, com planejamento de atividades por equipe multidisciplinar. As metodologias incluíram exposição dialogada, dinâmica de grupos, oficinas, teatro, uso de imagens, atividades dirigidas e distribuição de materiais didáticos. Ao final, solicitou-se a avaliação dos participantes quanto a distintos itens.	Descrever uma experiência de formação para marisqueiras, conduzida junto à comunidade pesqueira de Ilha do Paty, São Francisco do Conde, em um contexto de ações para promoção da saúde e da segurança alimentar.

A4	Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador	Pena, P. G. L. Gomez, C. M.	2014	Análise qualitativa dos riscos e condições de trabalho, por meio de observações, entrevistas, diagnóstico de doenças do trabalho com avaliação clínica.	Apresentar análise das condições de trabalho e riscos à saúde dos trabalhadores da pesca artesanal e indicar desafios para implementar ações da VISAT.
A5	Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	Falcão et al.	2015	Estudo epidemiológico de corte transversal realizado com 209 pescadoras artesanais/marisqueiras. Foram utilizados para este estudo a versão brasileira do Job Content Questionnaire (JCQ) e do Nordic Musculoskeletal Questionnaire (NMQ) e um questionário contendo as demandas físicas adaptadas para o trabalho da marisqueira.	Identificar a prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos (DME) em pescoço/ombro e membros superiores distais em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil.
A6	Vigilância em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Baía de Todos os Santos: da invisibilidade à proposição de políticas públicas para o Sistema Único de Saúde (SUS)	Rêgo et al.	2018	Foram referidos e discutidos estudos qualitativos e quantitativos desenvolvidos a partir de pesquisa participativa de base comunitária (PPBC)	Discutir resultados alcançados em intervenções e estudos realizados, para subsidiar ações de vigilância em saúde do trabalhador (Visat) da pesca.
A7	Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras	Falcão et al.	2019	Trata-se de um estudo de corte transversal realizado com 209 pescadoras artesanais/marisqueiras. Foram utilizados para este estudo a versão brasileira do	Identificar os fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos (DME) em pescoço/ombro e membros superiores distais em pescadoras artesanais/marisqueiras em

	artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil			questionário de conteúdo do trabalho e do questionário nórdico e um questionário das demandas físicas para o trabalho.	Saubara, Bahia, Brasil.
A8	Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça	Conceição, E. L.	2019	Resenha crítica	Apresentar resenha crítica do documentário 'Mulheres das águas'
A9	Derramamento de petróleo no litoral brasileiro: (in)visibilidade de saberes e descaso com a vida de marisqueiras	Silva et al.	2021	Pesquisa de abordagem qualitativa, Utilizou-se o grupo focal como técnica para a coleta de dados e o software Iramuteq para o processamento e análise do material.	Apreender as percepções das marisqueiras do estuário do Rio Jaguaribe, Ceará, acerca da exposição ao petróleo e suas consequências.
A10	Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS)	Lopes et al.	2021	Pesquisa-ação com sete pescadoras e marisqueiras do rio Pacoti, em Eusébio, Ceará.	Compreender a percepção de trabalhadoras da pesca artesanal acerca dos riscos e agravos relacionados ao trabalho e das ações de promoção à saúde dirigidas a sua atividade produtiva.
A11	Sintomas musculoesqueléticos em catadoras de marisco	Silva et al.	2021	Estudo epidemiológico transversal descritivo, com dados coletados em 2017 e análise estatística descritiva.	Estimar a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos e de seus principais fatores de risco em catadoras de marisco em uma comunidade na Bahia.

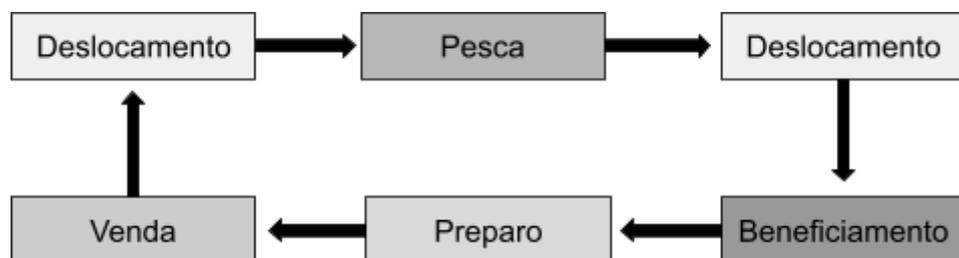
Fonte: Elaborado pela autora

5.2 O Processo produtivo da pesca artesanal

As condições e relações de trabalho se constituem como elementos fulcrais na análise desta pesquisa para a discussão do processo produtivo da pesca artesanal. A partir da literatura aqui revisada, esses elementos serão foco nos próximos tópicos guiados pelas etapas do processo de trabalho das marisqueiras. O processo produtivo das pescadoras é marcado por diversas etapas dentro de sua jornada de trabalho. As etapas do processo de trabalho citadas nos estudos analisados foram: o deslocamento, a pesca propriamente dita, o beneficiamento, o preparo e a venda do produto.

Para cada etapa existem atividades e especificidades desenvolvidas pelas trabalhadoras. Por exemplo: o deslocamento tem uma relação direta com o local de trabalho, que geralmente são áreas estuarinas e manguezais. As marisqueiras dependem dos ciclos das marés e não existindo um horário fixo de início ou término de sua jornada de trabalho. A tábua das marés e o ciclo da lua configuram a orientação para jornada do dia assim como para o deslocamento na dinâmica do trabalho, como é relatado por uma marisqueira no artigo A1: *"Tenho a chave da maré, para abrir e para fechar, pois trabalho na vazante e descanso na enchente"* (Antônia, 52 anos). A síntese das etapas do processo de trabalho das marisqueiras apresentadas nos estudos se dá conforme a figura 2.

Figura 2 - Fluxograma das referidas etapas do processo de trabalho das marisqueiras



Fonte: Elaborado pela autora

O *Quadro 3*, apresenta os principais elementos sobre o processo produtivo na pesca artesanal identificados nos artigos revisados.

Quadro 3 - Categoria I: Processo produtivo da pesca artesanal

N	Título	Principais elementos sobre o processo produtivo
A1	Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia	<ul style="list-style-type: none"> - As marisqueiras atuam em áreas limitadas e utilizam instrumentos rudimentares para a coleta de crustáceos e moluscos. - Observou-se que o valor do trabalho está inscrito no produto final que é vendido ou consumido pela família. - A marisqueira não se distancia do seu objeto de trabalho (contrariamente ao que ocorre nos processos industriais com a divisão do trabalho e opera todas as fases da manipulação do produto, sem modificar a sua natureza: coleta e vende com beneficiamento mínimo para a conservação, expondo-se à globalidade dos riscos inerentes ao ofício. - As técnicas ou instrumentos rudimentares utilizados são: faca ou facão para a coleta de ostras em pedras; colher de pau ou alumínio e pequenas enxadas para cavar e/ou raspar a areia na identificação do marisco; panela de alumínio e/ou lata para armazenamento da coleta e balde para o transporte do produto. Diversos outros instrumentos de pesca extrativa são utilizados, como: anzóis (varas e linhas); redes (tarrafas, arrasto etc.) para pesca do camarão; armadilhas como “gererés” ou manzuás, utilizados para captura do siri. - A comercialização de alguns mariscos exige outras etapas de trabalho como a limpeza e o pré-cozimento, sendo estes realizados na forma clássica de cozinha doméstica com o uso de fogareiro à lenha. - Para as marisqueiras, não há férias, descanso semanal e feriados remunerados. - A questão do gênero é marcante na divisão do trabalho de extração de mariscos, realizada principalmente por mulheres e crianças. As narrativas não identificam uma subordinação do trabalho feminino, mas uma naturalização dessas relações, em que a praia e o mangue seriam uma extensão dos aspectos biológicos do corpo da mulher. Nesse sentido, no campo simbólico, o espaço do trabalho seria feminino, pois o mangue ou a “maternidade dos peixes é um barro feminino porque tudo no mangue se parece com a gente” (Ana, 45 anos). A metáfora se articula em uma teia de sentidos que assemelha ambiente de trabalho com a condição materna, pois sabem que o manguezal é uma local de reprodução dos animais marinhos. - Trata-se de um modo de vida, em que o conteúdo do trabalho não é fragmentado, empobrecido, alienado, pois o pescador artesanal domina todo o processo de seu trabalho. - As mulheres detêm o saber e exercem práticas de todas as etapas da extração do marisco no arenoso e no mangue que se somam ao trabalho doméstico tradicional, configurando uma dupla jornada. - O trabalho das marisqueiras no arenoso da praia e no manguezal é de natureza ambulante onde mantém a flexão dorsal por longo tempo. Deambulam e cavam com movimentos dos membros superiores em ritmo acelerado, quase sempre em flexão dorsal, se deslocam por pedras e pelo arenoso da praia, sob sol intenso e com os olhos fixos no arenoso para identificar mariscos.

		<ul style="list-style-type: none"> - São ambientes sempre úmidos e completamente diferentes, quando se consideram as características do manguezal. - A jornada típica tem um período aproximado de seis horas de mariscagem, que equivale ao tempo da maré baixa. A jornada continua por mais seis a oito horas, quando se soma o tempo de deslocamento, o período de limpeza, pré-cozimento e armazenamento do marisco, sendo estes realizados nas residências ou áreas comuns na colônia de pescadores. A jornada diária da mariscadeira varia entre 10 a 14 horas. - Na fase de limpeza e pré-cozimento, as mariscadeiras trabalham sentadas, em bancos rudimentares e geralmente improvisados, durante longas jornadas. No mangue, em meio à folhagem e galhos perfurantes da vegetação, permanecem na lama geralmente até a altura dos joelhos por seis horas, e muitas vezes se flexionam para apanhar o caranguejo, quando a lama pode alcançar a face. - A coleta dos mariscos tem nos ciclos das marés a determinação da relação com o tempo no trabalho e com a vida da comunidade. A tábua das marés representa a orientação para as atividades relacionais à dinâmica do trabalho. "Tenho a chave da maré, para abrir e para fechar, pois trabalho na vazante e descanso na enchente (Antônia, 52 anos).
A2	Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras	<ul style="list-style-type: none"> - As marisqueiras cozinham os mariscos em suas casas utilizando fogão à lenha, O pescador artesanal e a marisqueira dispõem de um saber próprio de ofício consubstanciado em crenças, valores, mitos apreendidos por meio de uma herança cultural secular. - O processo de trabalho não se encontra fundado na noção de território e sim na de espaço público, delimitado naturalmente pelas condições de ocorrência do marisco. - O trabalho das marisqueiras, incluindo a coleta de mariscos, caracteriza-se pela produção artesanal clássica e é realizada principalmente por mulheres e crianças. - A divisão técnica do trabalho é incipiente. - As técnicas ou instrumentos de trabalho, rudimentares e adaptados à natureza, são basicamente: faca ou facão para a coleta de ostras em pedras; colher de pau ou alumínio e mesmo pequenas enxadas para cavar e/ou raspar e/ou cavar a areia e identificar o marisco; panela de alumínio e/ou lata para armazenamento de mariscos coletados; e balde para o transporte do produto até a residência para o preparo final e a venda. Há ainda diversos outros instrumentos de pesca extrativa, como: anzóis (varas e linhas); redes para pesca do camarão (várias, segundo o tipo de pesca – tarrafas, arrasto etc.); “gererés” ou manzuás (PACHECO, 2006) utilizados para captura do siri; canoas a remo e à vela (“traquete”); ratoeiras utilizadas na pesca do guaiamu; bombas (ilegais). - A comercialização de alguns mariscos exige limpeza e pré-cozimento, sendo estes realizados na forma clássica de cozinha doméstica com uso de fogão à lenha. - A divisão sexual do trabalho é marcante e a coleta de mariscos pode ser identificada com um trabalho

		<p>predominantemente feminino. A presença constante de crianças e adolescentes no cotidiano das atividades amplia o período de tempo de exposição das pessoas aos riscos de adoecimentos e afasta a criança das atividades escolares.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O trabalho dos pescadores e marisqueiras gera um produto alimentar com valor de uso e troca. Para o primeiro, as marisqueiras utilizam o produto do trabalho como alimento. Esta condição é definida como necessidade ou consumo. Quanto à venda, nem sempre se consegue vender tudo e nem sempre há lugar para guardar (congelamento). - A organização se estrutura por saberes e práticas dos pescadores e marisqueiras quanto a: locais de mariscagem adequados; tipo e uso de instrumentos de trabalho; previsão tradicional do tempo; escolha do marisco a ser coletado em função do valor econômico, do acesso e dos períodos de pesca na sua relação com a natureza; modalidades de limpeza e pré-cozimento. - O conhecimento tradicional fala sobre os ciclos das marés, as especificidades de cada tipo de marisco, as estratégias e os instrumentos para sua captura, as áreas de maior ocorrência para mariscagem, as estações do ano e o ciclo lunar na influência da produção, além das formas de reprodução e melhores épocas para a pesca, dentre outros.
A3	Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Conforme evidenciado nas residências da Ilha do Paty, a maior parte das marisqueiras beneficiava o pescado de forma imprópria, com utensílios improvisados – embalagens tipo latas e baldes, da área de construção civil e de alimentos, e ainda em bacias plásticas ou de alumínio, muito desgastadas. - O beneficiamento ocorria em áreas abertas, em frente ou no quintal da própria residência e em locais improvisados, em cima de sacos plásticos (ráfia), no chão, ou em mesa de madeira, na presença de animais de estimação, demonstrando o desconhecimento das Boas Práticas de Manipulação. - Em nenhum dos casos, as marisqueiras declararam ter recebido qualquer orientação para o trabalho com o pescado e 94,4%, muitas vezes, vendiam todos os produtos beneficiados. - Os mariscos ficavam expostos à temperatura ambiente, por três a cinco horas, até que terminasse o beneficiamento de todo o pescado capturado, em função do volume da captura e da disponibilidade de auxiliares no serviço.
A4	Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador	<ul style="list-style-type: none"> - Para a mulher, está reservada geralmente a extração de mariscos, adicionada à carga das atividades domésticas, enquanto o homem se insere nas atividades da pesca. - Mariscos e peixes são produtos perecíveis que exigem infraestrutura de armazenamento congelado e higienizado, do que o pequeno produtor não dispõe. Com isso, comumente o pescador ou pescadora artesanal retira da sua produção a parte necessária para assegurar a sobrevivência da família e o excedente vende ao atravessador, semelhante ao que ocorre na agricultura familiar.

		<ul style="list-style-type: none"> - A urgência em vender o produto condiciona a aceitação dos preços irrisórios impostos pela intermediação financeira.
A5	Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Pode-se observar a experiência das marisqueiras com o trabalho desenvolvido, a precocidade do início do trabalho e uma média elevada de horas diárias de trabalho apenas com a mariscagem. A média de anos de trabalho foi de aproximadamente 27 anos (DP = 12,9). - A média de idade de início do trabalho foi de aproximadamente 13 anos (DP = 7,2) com mínimo de 4 anos e máximo de 53 anos. A média de horas trabalhadas foi de 8,7 horas (DP = 3,1). - Acrescido a esta jornada diária existe a grande quantidade de horas semanais direcionadas ao trabalho doméstico, referida pela maioria das marisqueiras entrevistadas (76,6%), caracterizando a dupla jornada de trabalho. - Algumas participantes do estudo (29,2%) referiram trabalhar em outra ocupação no momento da entrevista, porém a maioria (70,8%) trabalhava apenas com a mariscagem. - As principais demandas encontradas na coleta foram, em ordem decrescente: realizando movimentos repetitivos com as mãos ($4,55 \pm 1,07$); emprego de força muscular nos braços ou mãos ($4,05 \pm 1,14$); com tronco inclinado pra frente ($3,94 \pm 1,51$); pressão física com as mãos na ferramenta de trabalho ($3,92 \pm 1,29$); e a postura agachada ($3,53 \pm 1,73$). - Durante o transporte, prevaleceram as posturas andando ($4,44 \pm 1,13$); com braços acima da altura dos ombros ($3,54 \pm 1,78$); e em pé ($3,22 \pm 2,00$), além do emprego de força muscular nos braços ou mãos ($3,81 \pm 1,42$) e levantando carga ($3,60 \pm 1,46$). - As maiores demandas físicas na cata do marisco foram a postura sentada ($4,55 \pm 0,99$) e a realização de movimentos repetitivos ($4,54 \pm 1,06$), precisos e finos ($3,70 \pm 1,81$).
A6	Vigilância em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Baía de Todos os Santos: da invisibilidade à proposição de políticas públicas para o Sistema Único de Saúde (SUS)	<ul style="list-style-type: none"> - A produção de pescado é dividida primordialmente por gênero e idade e, frequentemente, envolve modos de solidariedade e cooperação com objetivos econômicos. - Jornadas extenuantes, aceleração de movimentos repetitivos, certamente bem diferentes do trabalho assalariado. - Durante a coleta do marisco, a própria marisqueira faz a gestão do trabalho, mantendo o controle do seu tempo de trabalho e das pausas. Mas as dificuldades financeiras, associadas ao desemprego no setor formal, impõem condições e ritmo de trabalho a quem busca sobreviver, seja da venda do marisco, seja do seu consumo próprio e da família. - A demanda do trabalho é determinada pelo mercado de mariscos, exploração do intermediário e consumo do produto. - A dificuldade de armazenar produtos de pesca em câmaras frigoríficas ou freezers exige a venda do produto logo após a coleta.

		<ul style="list-style-type: none"> - Esta é, portanto, uma atividade cotidiana, sem descanso semanal, e o afastamento do trabalho só ocorre com impedimento por condições climáticas, como períodos de chuva ou em situações de adoecimento e/ou parto. - A necessidade de sobreviver impede pausas nas jornadas de trabalho, mesmo com autogestão, agravando riscos ergonômicos para LER/Dort.
A7	Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - A marisqueira executa todas as etapas do processo de produção, incluindo a organização e a confecção seus instrumentos de trabalho. - As etapas são divididas em extradomiciliares, peridomiciliares e domiciliares que correspondem às etapas da segunda lavagem, cozimento, cata, embalagem e armazenamento. - O ambiente de trabalho da marisqueira se constitui no mar, mangue, areia ou rio, caminho até a residência, domicílio e entorno (quintal, varanda, casa de vizinhos). - As etapas consideradas mais importantes foram a coleta, o transporte e a cata, por exigirem maior tempo de dedicação à tarefa, volume de trabalho e carga. - As demandas físicas foram condensadas no fator 1 (tronco inclinado para a frente, pressão física com as mãos sobre a ferramenta, força muscular nos braços ou mãos, puxar a carga e levantar a carga) e no fator 2 (movimentos repetitivos com as mãos e movimentos precisos e muito finos).
A8	Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça	<ul style="list-style-type: none"> - As pescadoras dos manguezais e das coroas, embora sejam um braço importante na pesca em seus respectivos povoados, têm a precificação do que produzem diariamente avalizada por homens que, no que lhe concerne, não dão o valor agregado ao trabalho que elas realizam. - Além da dupla jornada, o enfrentamento das desigualdades no mercado de trabalho, num cenário onde o comando ainda é majoritariamente masculino, essas trabalhadoras dos manguezais lutam para sair da invisibilidade e participar dos núcleos de decisão. - Os mangues e coroas têm sido alvos de degradação por meio da ação desenfreada das corporações, da especulação imobiliária e do turismo predatório que avança sobre essas regiões. - Entre os relatos que atravessam o filme de Beto Novaes, os vazamentos de petróleo e o assoreamento de mangues para a expansão da monocultura, de modo a atender as demandas do agronegócio, tornaram-se recorrentes nos manguezais da Bahia e de Pernambuco, estados recortados pelo documentário.

A9	<p>Derramamento de petróleo no litoral brasileiro: (in)visibilidade de saberes e descaso com a vida de marisqueiras</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Além de marisqueiras, desenvolvem múltiplas atividades na família: cuidam dos filhos e afazeres domésticos. - Trabalham na pesca com seus companheiros, na coleta, beneficiamento e comércio do pescado; e muitas provém o sustento familiar por meio da mariscagem de sururu e outros mariscos. A mariscagem é realizada, preferencialmente nos manguezais. - A média de tempo de trabalho é de 30 anos e 4 meses e varia de 13 a 46 anos. - O Rio Jaguaribe é o principal ambiente de trabalho. - Todas as participantes alegaram que suas famílias vivem há mais de 20 anos nas comunidades pesqueiras dessa região, a maioria desde que nasceu. - As marisqueiras reforçam que não têm reconhecimento previdenciário, tornando-as inviabilizadas de direitos trabalhistas. Há uma dificuldade na regularização do RGP e que as mulheres e os jovens pescadores não o têm conseguido, pela descontinuidade política do Ministério da Pesca, tendo como consequência a exclusão do auxílio a milhares de trabalhadoras. - A venda do pescado despencou muito, em alguns casos chegando a zero, devido à contaminação pelo petróleo.
A10	<p>Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As trabalhadoras assumem dupla jornada. - A idade mínima foi de 47 anos e máxima de 69 anos, com média de 58 anos. - As trabalhadoras referiram ter iniciado sua atividade como pescadora e marisqueira na infância, aos 10 anos. - Principal local de trabalho é o rio Pacoti, sendo que duas delas também pescam na lagoa da Precabura. - A atividade pesqueira envolve o trabalho de mariscagem, a fabricação de utensílios de pesca e o beneficiamento do pescado. - Apresentaram renda abaixo de um salário mínimo, e duas, já aposentadas, tinham como renda entre um e dois salários mínimos. - As marisqueiras arrecadam com o seu trabalho, em média, R\$ 50 ou R\$ 60 por semana. - Segundo as pescadoras, existem consumidores que questionam o preço do produto e, muitas vezes, dada a situação de necessidade e de urgência em vender o produto, elas acabam por aceitar os preços impostos.

A11	Sintomas musculoesqueléticos em catadoras de marisco	<ul style="list-style-type: none"> - Predominaram catadoras de marisco que exerciam essa ocupação em período ≤ 30 anos (58,3%), cumprindo carga horária diária de até seis horas (54,0%), carga horária semanal de até 40 horas (81,3%), que não tinham pausa para almoçar (89,9%) e que nunca trabalharam formalmente registradas, com carteira assinada (84,2%). - No que diz respeito às condições em que trabalhavam, a maioria (60,4%) declarou serem muito ruins/ruins e estava muito satisfeita/satisfeita em ser catadora de marisco (56,1%), além de apresentar histórico de afastamento por motivo de doença (59,7%). A maioria das catadoras de marisco não tinha embarcação própria (77,0%), coletava até seis tipos de marisco (79,1%), realizando até 17 retiradas por minuto (61,2%), com até dez movimentos repetitivos por minuto (74,8%); a maioria chegava a carregar até 25 kg em um dia de trabalho (57,6%), por um período ≤ 60 minutos (73,5%). - As maiores demandas relatadas pelas catadoras de marisco, na etapa da coleta, ocorreram com movimentos repetitivos com as mãos e movimentos finos de controle e destreza, ou seja, movimentos de motricidade fina, com exigência de força muscular nos braços ou nas mãos e pressão física com as mãos ao utilizar as ferramentas de trabalho. - Durante o transporte dos mariscos, as maiores demandas foram a exigência de força muscular nos braços ou nas mãos, e a pressão física com as mãos ao utilizar as ferramentas de trabalho. - Na lavagem e limpeza dos mariscos, as exigências físicas mais expressivas ocorreram nos movimentos que precisam de maior destreza e controle; nos movimentos repetitivos com as mãos e na postura em pé. - Na etapa de cozimento a maior demanda se referia à postura em pé, enquanto na etapa de cata as maiores demandas físicas ocorreram nos movimentos repetitivos com as mãos, nos de motricidade fina e na postura sentada.
-----	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.1 As Condições de Trabalho

A mariscagem é realizada, preferencialmente, nos manguezais. Contudo, o ambiente de trabalho da marisqueira pode também se constituir no mar, areia, rio ou no caminho até a residência, domicílio e entorno (quintal, varanda, casa de vizinhos). A forma como as pescadoras se deslocam tem variabilidade e impacto na jornada de trabalho a depender da distância desse deslocamento. Destaca-se que elas realizam toda uma preparação antes do deslocamento, no preparo da comida para deixar para a família que fica em casa, no lanche que elas levam, na organização dos instrumentos e materiais para a pesca, etc.

Na etapa da pesca propriamente dita, alguns elementos foram evidenciados nos estudos, são eles: a precarização das condições de trabalho envolvendo locais de pesca os quais se encontram inóspitos e poluídos, sobrecarga física, posturas inadequadas e ritmos de trabalho extenuantes envolvendo movimentos repetitivos, em consequência da necessidade de sobrevivência da trabalhadora e sua família.

O trabalho das pescadoras é de natureza ambulante onde mantém a flexão dorsal por longo tempo, elas cavam com movimentos dos membros superiores em ritmo acelerado, quase sempre em flexão dorsal, se deslocam por pedras, lama ou areia, sob sol intenso e com os olhos fixos para identificar mariscos (Figura 3).

Figura 3 - Foto sobre postura típica do trabalho da marisqueira – Ilha de Maré, 2007.



Fonte: PENA; FREITAS; CARDIM (2011)

Observou-se também que quanto à sobrecarga física, os estudos selecionados identificaram principalmente que as trabalhadoras transportavam carga superior ao limite preconizado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que estabelece para o transporte manual de carga o limite de 60 kg para homens e de 25 kg para mulheres (Figura 4).

Figura 4 - Sobrecarga física no transporte de mariscos capturados, na mariscagem. Ilha do Paty, Brasil, 2012.



Fonte: PENA; MARTINS; REGO (2013)

Quanto ao beneficiamento do pescado (Figura 5), observou-se que as marisqueiras trabalham sentadas, em bancos rudimentares e geralmente improvisados, durante longas jornadas. Conforme os estudos selecionados, o beneficiamento consiste em técnicas, para limpeza e armazenamento do pescado, que possibilitam a comercialização do produto de forma mais racional, higiênica e de melhor qualidade. Sobre o armazenamento do pescado, há dificuldade de armazenamento dos produtos de pesca, pois carecem de câmaras frigoríficas ou *freezers* exigindo assim, a venda imediata do produto logo após a coleta.

A comercialização de alguns mariscos pode exigir uma maior preparação do produto, onde tarefas como o pré-cozimento são realizados na forma clássica de cozinha doméstica com o uso de fogareiro à lenha. Ainda sobre a venda do pescado, chamamos atenção para o desastre do derramamento de óleo no litoral brasileiro, ocorrido no ano de 2019, onde foi relatado pelas marisqueiras que a

venda do pescado despencou muito, em alguns casos chegando a zero, devido à contaminação pelo petróleo. Vale lembrar que logo após o “desastre” do petróleo, essa categoria também passou por dificuldade com a pandemia da Covid-19 que persiste até a finalização deste estudo e tem impactado nas vendas de forma substancial (PINTO; BASTOS; SOUSA, 2020).

Figura 5 - Beneficiamento de pescado por marisqueira. Ilha do Paty, Brasil, 2012.



Fonte: PENA; MARTINS; REGO (2013)

Conhecer as condições objetivas em que o trabalho é realizado é indispensável para o entendimento sobre diversos elementos do processo de trabalho como a alienação, a divisão sexual das tarefas e o pagamento pela força de trabalho. Estas últimas, questões importantes sobre as relações de trabalho serão abordadas no próximo tópico.

5.2.2 As Relações de Trabalho

A categoria das pescadoras se inclui no leque das relações de trabalho autônomas, não assalariadas, mas que possui o direito previdenciário, inclusive o seguro acidentário, pois está enquadrada como segurada em regime especial (PENA; MARTINS; REGO, 2013). Sobre esse último ponto, a percepção das marisqueiras contidas nos estudos, é a de reforço de que elas não têm

reconhecimento previdenciário, tornando-as inviabilizadas de direitos trabalhistas. Isso se dá pela dificuldade na regularização do RGP e que, na prática, as mulheres e os jovens pescadores não têm conseguido acessar os seus direitos trabalhistas, pela descontinuidade política do Ministério da Pesca, tendo como consequência a exclusão do auxílio a milhares de trabalhadoras.

No estudo de Lopes e colaboradores, as trabalhadoras referiram ter iniciado sua atividade como pescadora e marisqueira na infância, em média aos 10 anos. Silva e colaboradores afirmam que todas as participantes do estudo alegaram que suas famílias vivem há mais de 20 anos nas comunidades pesqueiras da região, a maioria desde que nasceu. Isso demonstra que as marisqueiras formam vínculos de pertencimento e afeto nas suas respectivas comunidades (Figura 6), mas também caracteriza a inserção de crianças e jovens no trabalho, acarretando prejuízos à infância e potencializado o desgaste precoce da força de trabalho.

Figura 6 – Além de uma comunidade organizacional, as marisqueiras formam vínculos de pertencimento e afeto



Fonte: Conceição, E. L. (2019)

A questão do gênero é marcante na divisão do trabalho de extração de mariscos, realizada principalmente por mulheres e crianças. O papel da mulher na pesca artesanal é identificado nos estudos através da utilização do termo dupla jornada de trabalho, visto que há o trabalho da pesca (fora de casa e domiciliar) e o trabalho doméstico. Nesse sentido, existe um debate das teorizações feministas

acerca da noção da tripla jornada, conceituada como: trabalho fora de casa, trabalho dentro de casa e o trabalho afetivo de produção de vínculos e redes de cuidado (GAGO; 2020). Este último destinando às mulheres o papel de cuidadoras natas das crianças, homens e pessoas mais velhas da sua relação familiar.

Conforme estudo de Pena, Freitas e Cardim (2011), as narrativas não identificam uma subordinação do trabalho feminino, mas uma naturalização dessas relações, em que a praia e o mangue seriam uma extensão dos aspectos biológicos do corpo da mulher. Nesse sentido, no campo simbólico, o espaço do trabalho seria feminino, pois o mangue ou a *“maternidade dos peixes é um barro feminino porque tudo no mangue se parece com a gente”* (Ana, 45 anos). A metáfora se articula em uma teia de sentidos que assemelha ambiente de trabalho com a condição materna, pois sabem que o manguezal é uma local de reprodução dos animais marinhos. No entanto, é comum aos estudos a exposição das mulheres às piores condições de trabalho assim como a sobrecarga de trabalho, mesclando atividades relacionadas a extração de mariscos e atividades domésticas.

Sobre a alienação do processo de trabalho, o estudo de Pena, Freitas e Cardim (2011) afirma que o modo de vida da pescadora não é alienado, pois o pescador artesanal domina todo o processo de seu trabalho. Pois bem, essa afirmação acaba por ser limitada. Se considerarmos o processo de trabalho em si, é bem verdade que as marisqueiras desenvolvem sua atividade completa, desde a coleta até o beneficiamento do produto. Mas, ainda abordando a síntese dos estudos, é possível evidenciar que dentro dessa dinâmica de trabalho há a imposição de condições e ritmo de trabalho intensos em busca da sobrevivência, seja da venda do marisco (muitas vezes por preços irrisórios pagos aos atravessadores), seja do seu consumo próprio e da família. Isso fica expresso nas extensas jornadas de trabalho, ausência de pausas ou períodos de descanso e pouco controle sobre o preço dos produtos. Alguns estudos ainda apontam a presença de intermediários atuando no processo de compra e venda dos mariscos, ampliando as precárias condições e tende a estender e intensificar mais o trabalho, evidenciando limitações em relação ao controle autônomo do processo e ampliando o sentido da alienação do trabalho.

Nesse contexto, engendram-se as condições concretas do trabalho alienado, pois no modo de produção capitalista, o trabalho, ato que deveria ser finalidade básica do ser social, se converte em meio de subsistência (MARX, 2010; ANTUNES, 2011). Logo, o domínio das técnicas e participação das trabalhadoras nas etapas do processo produtivo são características que não a tornam imune às relações capitalistas na dinâmica do trabalho.

Por fim, o trabalho das marisqueiras gera um produto alimentar com valor de uso e troca. Para o primeiro, as marisqueiras utilizam o produto do trabalho como alimento. Esta condição é definida como necessidade ou consumo. Quanto à venda, nem sempre se consegue vender tudo e nem sempre há lugar para guardar (congelamento). O produto geral do trabalho é o marisco coletado e tratado, alguns pré-cozidos para a venda no mercado. Nos estudos, conforme relato das pescadoras, existem consumidores que questionam o preço do produto e, muitas vezes, dada a situação de necessidade e de urgência em vender o produto, elas acabam por aceitar os preços impostos, configurando a desvalorização do trabalho.

5.3 O processo de adoecimento das marisqueiras

Os riscos relacionados ao trabalho são aqueles que, dependendo de sua natureza, concentração ou intensidade e duração da exposição, podem causar danos à saúde do trabalhador. Na *tabela 2* estão as principais doenças relacionadas ao trabalho da pesca de mariscos relatadas nos artigos. Dos 11 estudos, verificou-se que mais de 90% abordaram os riscos ergonômicos, em sua maioria, dando foco as Lesões Por Esforços Repetitivos (LER), Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) e Distúrbios Musculoesqueléticos (DME); 45,45% abordaram os riscos químicos da atividade da pesca; 27,27% abordaram os riscos biológicos; e por fim 9,09% abordaram os riscos físicos.

Vale destacar um importante dado compreendido no trabalho de Pena, Freitas e Cardim (2011), no qual se verificou que na atividade da marisqueira a frequência média de 10.200 movimentos repetitivos por hora, enquanto, a título de comparação, para a atividade de digitador, a norma regulamentadora que trata da ergonomia, a

NR 17, estabelece o limite de 8.000 toques por hora em jornadas de 6 horas, portanto, significativamente inferior ao identificado nas atividades de extração de mariscos.

A miséria social impõe um ritmo intenso de trabalho para gerar mais produtos à venda, acelerando o trabalho de coleta de mariscos. Esta necessidade estabelece ritmos extenuantes com tarefas de esforços cíclicos, repetitivos e que condicionam a presença de riscos importantes para as LER/DORT (PENA; MARTINS; REGO, 2013, p.62).

No trecho acima, Pena, Martins e Rego chamam atenção para a relação entre o modo de produção e o adoecimento das pescadoras, que para sobreviver no contexto capitalista, são submetidas a ritmos extenuantes de trabalho que acarretam adoecimento. Nesse sentido, podemos dizer que a saúde das trabalhadoras é determinada socialmente, estando diretamente relacionada à dinâmica de produção e reprodução social, neste período histórico, determinada pelo modo de produção capitalista e suas formas de exploração, que ressaltamos mais uma vez não são restritas ao trabalho assalariado formal.

Também é mister destacar que a compreensão de cargas de trabalho, proposta por Laurell e Noriega (1989), complexifica a compreensão da exposição destas trabalhadoras ao que a epidemiologia clássica chama de “risco”. A mudança não é apenas semântica, as cargas de trabalho aproximam-se da compreensão da determinação social da saúde, pois inserem a discussão da saúde dos trabalhadores em uma dinâmica sócio histórica, ao contrário da apresentação de riscos ou fatores de riscos isolados.

Tabela 2 - Principais doenças de trabalho da pesca de mariscos relatadas nos artigos

Riscos	Atividades	Doenças	Estudos	% do total
			Nº Absoluto	Nº Relativo
Físicos	- radiações solares	- Neoplasias, cataratas dentre outras	A4 (1)	9,09%
	- mergulho	- possibilidades de doenças descompressivas		

		, barotraumas, labirintites e distúrbios da audição		
Químicos	<p>- As marisqueiras se expõem às substâncias químicas presentes no óleo bruto, como os HPA, que por serem fatores de riscos à saúde;</p> <p>-O uso indiscriminado de agrotóxicos para fomentar a agricultura e o lixo tóxico gerado pelas indústrias</p> <p>- As marisqueiras cozinham os mariscos em suas casas utilizando fogão à lenha</p>	<p>- Associados a dermatoses, problemas nos olhos, náuseas, dores de cabeça, doenças endócrinas e potenciais ao sistema reprodutivo, como a gravidez</p> <p>- danos respiratórios em todos os membros da família.</p>	A2, A4, A8, A9, A10 (5)	45,45%
Biológicos	<p>- De 18 amostras de mariscos (siri, sururu e ostra) obtidas na comunidade, oito (44,45%) estavam impróprias para o consumo – pelo não atendimento de padrões microbiológicos, como estafilococos coagulase positiva e coliformes termotolerantes.</p> <p>- umidade e lama nos manguezais com riscos de dermatites micóticas e onicomicoses, inflamações gênito-urinárias,</p>	<p>- Possibilidade de doenças infecciosas</p> <p>- Dermatites micóticas e onicomicoses, inflamações gênito-urinárias, alergias etc</p>	A3, A4, A10 (3)	27,27%

	alergias; intempéries, chuvas, e frio, com riscos de infecções respiratórias, faringites, dentre outras			
Ergonômicos	- Movimentos repetitivos sem pausa; - Sobrecarga de peso; - ritmos extenuantes de trabalho; - posturas inadequadas;	- LER/DORT -DME (Distúrbios Musculoesquelé- ticos)	A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A9, A10, A11 (10)	90,90%

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos principais acidentes de trabalho (*tabela 3*), apenas 36,36% dos artigos citaram exemplos, mas nenhum acidente foi tema central das pesquisas, tendo como foco as doenças do trabalho das pescadoras, principalmente as LER/DORT. Os acidentes e as doenças do trabalho em trabalhadores regidos pelo contrato de trabalho da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) precisam ser notificados à Previdência Social através da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT). As pescadoras têm o direito ao seguro previdenciário e acidentário, essa comunicação de acidente ou doença do trabalho pode ser emitida pelo próprio pescador ou familiar ou ainda pela Colônia de Pescadores.

Tabela 3 - Principais acidentes de trabalho nas atividades da pesca de mariscos relatados nos artigos

Principais acidentes relatados	Estudos	% do total
	Nº Absoluto	Nº Relativo
- afogamentos, incluindo na lama do manguezal; acidentes perfurantes e cortantes na manipulação de mariscos e peixes, com os mais	A2, A3, A4 e A10 (4)	36,36%

variados instrumentos de pesca, corte de lenha e preparo de mariscos; picadas de insetos; acidentes ofídicos com animais terrestres e marinhos, peçonhentos e urticantes

- Os acidentes mais comuns na pescaria do mangue são os cortes com foice ou facas usadas para cortar a vegetação, para retirar ostras e manusear os mariscos ou peixe.
 - os riscos de acidentes de trabalho (quedas, cortes),
-

Fonte: Elaborado pela autora

Uma questão importante percebida nos estudos analisados foi a ausência de análises sobre a saúde mental das pescadoras. Desastres como o do petróleo ocorrido em 2019 e a pandemia de Covid-19 podem ter influenciado ainda mais no adoecimento mental, conforme estudos preliminares em desenvolvimento (FIOCRUZ, 2022).

No *Quadro 4* estão evidenciados os principais elementos sobre o processo de adoecimento na pesca artesanal identificados nos artigos revisados.

Quadro 4 - Categoria II: Processo de Adoecimento

N	Título	Principais elementos sobre o processo de adoecimento
A1	Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia	<ul style="list-style-type: none"> - Do ponto de vista ergonômico, observamos a sobrecarga muscular no pescoço, ombros, dorso, membros superiores e região lombar, além do excesso rítmico centrado no punho nas atividades repetitivas. Sobre as condições de higiene pessoal, estas se configuram com inscrições da cultura e produzidas em função da falta de acesso aos serviços de saneamento básico. Como exemplo, muitas vezes as necessidades fisiológicas são realizadas no ambiente natural, típico de áreas isoladas e camponesas. - Durante o trabalho de campo, oito casos de LER em marisqueiras foram diagnosticados no serviço especializado em saúde ocupacional do hospital universitário. Dores e dormências nos membros superiores sugestivos de LER foram relatadas em praticamente todas as entrevistas. - A análise ergonômica realizada caracterizou onexo causal, e assim, as marisqueiras doentes foram encaminhadas para a Previdência Social. - Ao analisar a coleta do sururu, os movimentos repetitivos continuam na segunda fase da jornada, quando a marisqueira leva o produto da pesca para casa, onde realiza limpeza dos mariscos, pré-cozimento e abertura de cada concha, em uma jornada padrão, a marisqueira pode alcançar uma média de 75.000 movimentos repetitivos. A título de comparação, para a atividade de digitador, a norma oficial brasileira, a NR 17, estabelece o limite de 8.000 toques por hora em jornadas de 6 horas. Isto define o limite seguro de 42.000 movimentos repetitivos por dia, portanto, significativamente inferior ao identificado nas atividades de extração de mariscos. - Movimentos repetitivos semelhantes à extração do sururu foram verificados na captura de outros mariscos, com pequenas variações de modos operatórios.
A2	Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras	<ul style="list-style-type: none"> - As marisqueiras cozinham os mariscos em suas casas utilizando fogão à lenha, o que pode causar danos respiratórios em todos os membros da família. - A miséria social impõe um ritmo intenso de trabalho para gerar mais produtos à venda, acelerando o trabalho de coleta de mariscos. Esta necessidade estabelece ritmos extenuantes com tarefas de esforços cíclicos, repetitivos e que condicionam a presença de riscos importantes para as LER/DORT. - Ritmos extenuantes, movimentos repetitivos sem pausas, redução da liberdade de criatividade, posturas inadequadas e outros condicionantes prejudiciais à saúde, dentre estes as LER/DORT: “Às vezes eu nem posso vim por causa da dor. Mas, eu venho mesmo de teimosa, porque preciso. Tenho de vir”. - Em relação aos acidentes de trabalho citados nas entrevistas, destacam-se: afogamentos na água e nos manguezais (há relatos de marisqueiras que se afogam por não conseguir sair de lamaçais profundos existentes nos manguezais); acidentes com animais marinhos peçonhentos; acidentes perfurocortantes com mariscos,

		pedras e outras condições existentes no ambiente aquático de manguezais que causam ferimentos, fraturas, risco de tétano; acidentes com raios, dentre outros.
A3	Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Pelo diagnóstico de segurança de alimentos do projeto maior, de 18 amostras de mariscos (siri, sururu e ostra) obtidas na comunidade, oito (44,45%) estavam impróprias para o consumo – pelo não atendimento de padrões microbiológicos, como estafilococos coagulase positiva e coliformes termotolerantes. - Muitas marisqueiras relataram muitas dores, sobretudo em algumas partes do corpo, como mãos, braços, pescoço, ombros e coluna. - De acordo com pesquisa reportada pelo Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador/Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, as marisqueiras compreendem trabalhadoras expostas a vários riscos, principalmente os ergonômicos, em virtude de posturas inadequadas, levantamento de peso e movimentos repetitivos. Do ponto de vista ergonômico, há uma sobrecarga muscular no pescoço, no dorso, nos ombros, nos membros superiores e na região lombar, além do excesso rítmico centrado no punho nas atividades repetidas. - os riscos de acidentes de trabalho (quedas, cortes).
A4	Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador	<ul style="list-style-type: none"> - Quanto aos acidentes de trabalho, os pescadores e marisqueiras enfrentam uma diversidade de riscos, como: afogamentos, incluindo na lama do manguezal; acidentes perfurantes e cortantes na manipulação de mariscos e peixes, com os mais variados instrumentos de pesca, corte de lenha e preparo de mariscos; picadas de insetos; acidentes ofídicos com animais terrestres e marinhos, peçonhentos e urticantes. - Salienta-se que os riscos citados apresentam particularidades agravantes ao incidirem na infância, em gestantes e idosos. possibilidade de ocorrência de aproximadamente trinta patologias relacionadas ao trabalho na pesca artesanal, dentre as 200 enfermidades reconhecidas atualmente pelo Ministério da Saúde e da Previdência Social. - São riscos relacionados às seguintes exposições: radiações solares e riscos de neoplasias, cataratas dentre outras; alta pressão atmosférica nas atividades de mergulho e possibilidades de doenças descompressivas, barotraumas, labirintites e distúrbios da audição; umidade e lama nos manguezais com riscos de dermatites micóticas e onícomicoses, inflamações gênito-urinárias, alergias; intempéries, chuvas, e frio, com riscos de infecções respiratórias, faringites, dentre outras; - riscos biológicos relacionados ao trabalho no mangue e possibilidades de contaminações com enfermidades transmissíveis, dermatites de contato com animais e plantas marinhas; - riscos químicos decorrentes dos fumos pelo cozimento dos mariscos, com possibilidades de doenças respiratórias, rinites e sinusites alérgicas, dentre outras; - riscos ergonômicos para a coluna vertebral, relacionados ao transporte de peso, posturas nocivas e excesso de

		movimentos com esforços repetitivos.
A5	Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - A prevalência de dor ou desconforto nos últimos doze meses e de DME em alguma região do corpo (membros superiores, membros inferiores ou coluna) e no pescoço ou ombro, punho ou mão, antebraço ou cotovelo e membros superiores distais (punho ou mão ou antebraço ou cotovelo). - Os valores encontrados para sintomas musculoesqueléticos nos últimos doze meses e DME em algum segmento do corpo, foram 97,6% (n =204) e 94,7% (n = 198), respectivamente. Verificou-se a alta prevalência de DME em pescoço ou ombro (71,3%) e em membros superiores distais (70,3%).
A6	Vigilância em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Baía de Todos os Santos: da invisibilidade à proposição de políticas públicas para o Sistema Único de Saúde (SUS)	<ul style="list-style-type: none"> - Evidenciaram alta prevalência (94,7%) de LER/Dort global em todas as regiões do corpo, assim como hipertensão arterial (27,3%), artrite (10,5%) e diabetes (6,7%). - LER/Dort no pescoço ou no ombro se associavam com as demandas físicas referentes ao trabalho, principalmente à coleta do marisco, que obriga a marisqueira a se apoiar sobre o cotovelo e sobre o punho, tronco rodado, com movimentos precisos e muito finos com as mãos, como empurrar e puxar a carga. - Casos de LER/Dort em membros superiores distais foram associados com a atividade de cata (separação do marisco da concha, com o tronco inclinado para a frente, pressão física com as mãos sobre a ferramenta, força muscular nos braços ou mãos, para puxar e levantar a carga). - As marisqueiras que variavam mais as posturas, o manuseio de carga, a força muscular e a pressão física apresentaram menos LER/Dort nas duas unidades funcionais relatadas. - Pescadoras artesanais/ marisqueiras estão entre as categorias profissionais do país com maior prevalência de LER/Dort, apesar de continuarem sem acesso ao diagnóstico e à prevenção dessas enfermidades.
A7	Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Prevalência elevada de DME em pescoço ou ombro e em membros superiores distais em pescadoras artesanais/marisqueiras.

A8	Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça	<ul style="list-style-type: none"> - O uso indiscriminado de agrotóxicos para fomentar a agricultura e o lixo tóxico gerado pelas indústrias, uma vez absorvidos pelo solo e pela água, matam nascentes de rios e todo um ecossistema marinho e, por consequência, interferem diretamente na vida das pessoas que vivem nos arredores desses manguezais e coroaos.
A9	Derramamento de petróleo no litoral brasileiro: (in)visibilidade de saberes e descaso com a vida de marisqueiras	<ul style="list-style-type: none"> - Contaminação do ambiente com o petróleo, as trabalhadoras podem ter agravamento da sua condição de saúde e Insegurança Alimentar e Nutricional (INSAN). - As marisqueiras relataram problemas de saúde como “escoliose, doenças na mão e no joelho”. - As marisqueiras se expõem às substâncias químicas presentes no óleo bruto, como os HPA, que por serem fatores de riscos à saúde, estão associados a dermatoses, problemas nos olhos, náuseas, dores de cabeça, doenças endócrinas e potenciais ao sistema reprodutivo, como a gravidez;
A10	Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS)	<ul style="list-style-type: none"> - No trabalho da pesca artesanal, pode-se identificar: a) riscos biológicos relacionados ao trabalho no mangue, como a dermatite de contato com animais e plantas marinhas; b) riscos químicos relacionados à fumaça do cozimento dos mariscos, que pode causar doenças respiratórias, como rinite e sinusite; c) riscos ergonômicos relacionados à sobrecarga de tarefas com excesso de movimentos e esforços repetitivos, podendo levar a lesões por esforços repetitivos (LER) e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT); d) riscos mecânicos que envolvem afogamento; e) acidentes de trabalho (AT) com perfurocortantes ao manipular peixes e mariscos ou utensílios de pescas; assim como os f) riscos de quedas. - Os acidentes mais comuns na pescaria do mangue são os cortes com foice ou facas usadas para cortar a vegetação, para retirar ostras e manusear os mariscos ou peixe.
A11	Sintomas musculoesqueléticos em catadoras de marisco	<ul style="list-style-type: none"> - As queixas mais comumente relatadas nos últimos 12 meses se referiam à região inferior das costas (83,6%), parte superior das costas (84,2%), quadril/coxas (79,1%), ombros (77%), joelhos (75,5%) e punhos/mãos (74,8%). - Quanto ao impedimento de realizar atividades normais devido a essas queixas, como o trabalho ou atividades domésticas e de lazer, houve maior percentual de respostas afirmativas em todos os segmentos corporais, com destaque para punhos e mãos (69,2%). - As queixas em todos os segmentos levaram a maioria das catadoras de marisco à procura de algum profissional de saúde, principalmente as queixas de dores na região do cotovelo (73,0%) e punhos/mãos (68,3%). Em relação a problemas nos últimos sete dias, houve maior desconforto nas costas, tanto na região superior (61,2%) como na inferior (60,4%)

Fonte: Elaborado pela autora

5.4 Perspectivas e Recomendações

Os artigos evidenciam as precárias condições de vida e trabalho das marisqueiras, e, sobretudo, a invisibilidade dos acidentes e das doenças do trabalho, como as LER/DORT. Todos os estudos apresentaram a sobrecarga ergonômica condicionada às cargas de trabalho das marisqueiras, exceto a resenha crítica que teve o foco na divisão sexual do trabalho e no papel da mulher marisqueira.

Foi observado que as marisqueiras realizam longas jornadas de trabalho, mesmo com altas prevalências de DME e LER/DORT. O estudo de Pena e Gomez (2014) afirma que a comunidade expõe-se sem proteção, diagnóstico, tratamento e reconhecimento previdenciário, a trinta doenças relacionadas ao trabalho.

Os resultados mostram ainda, a importância dos saberes tradicionais na organização do trabalho na pesca artesanal e os desafios de trabalhar em categorias não remuneradas e tradicionais, pois a eficácia dessas ações depende do respeito às culturas tradicionais, que devem ser envolvidas na construção de um trabalho digno e saudável (PENA; MARTINS; REGO, 2014).

Quanto às recomendações, os estudos orientam que o Estado atue de modo intersetorial, articulando o SUS, a Previdência Social, a Secretaria de Aquicultura e Pesca e outras instituições pertinentes. Ademais, o SUS por meio da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast) poderiam assegurar ações de vigilância em saúde do trabalhador e melhoria do reconhecimento das doenças do trabalho, garantindo o direito à saúde das trabalhadoras das águas, visto a universalidade da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, bem como a necessária priorização das categorias mais vulnerabilizadas.

Além disso, sobre o “desastre” do derramamento de petróleo no litoral, percebeu-se que as marisqueiras e suas famílias são uma população muito exposta aos impactos negativos causados pelo derramamento de petróleo afetando sua saúde e seu meio de trabalho.

Verifica-se nos trabalhos a ausência de um debate mais aprofundado articulado a crítica ao modo de produção capitalista e a determinação social da saúde, visto que a precarização das condições e relações de trabalho é condição estruturante da relação trabalho-saúde das marisqueiras, de forma que a sua

superação é necessariamente a superação do capital, o que de forma alguma, cancela as mediações políticas necessárias para a melhoria das condições de vida e trabalho destas trabalhadoras contemporaneamente. O *quadro 5*, a seguir, apresenta os estudos analisados na presente revisão e seus principais resultados e recomendações.

Quadro 5 - Principais resultados e conclusões dos estudos

N	Título	Principais Resultados	Principais Recomendações/Conclusões
A1	Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia	Evidenciou-se a gravidade das condições de trabalho, em particular para enfermidades LER. Em um modo de extração de mariscos, verificou-se a frequência média de 10.200 movimentos repetitivos por hora, enquanto, para a atividade de digitador, a norma oficial estabelece o limite de 8.000 toques por hora.	Concluiu-se que as mariscadeiras devem ser incluídas dentre os grupos sociais de riscos que realizam esforços excessivos e repetitivos do sistema músculo-esquelético nas atividades do trabalho. A eficácia dessas ações depende do respeito às culturas tradicionais, que devem ser envolvidas na construção de um trabalho digno e saudável. Nesse sentido, em função da complexidade dessas exigências, o Estado necessita atuar de modo intersetorial, articulando o SUS, a Previdência Social, a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca e outras instituições pertinentes.
A2	Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras	Os resultados evidenciaram: sobrecarga ergonômica condicionada por exposição a riscos variados; precárias condições de vida; invisibilidade dos acidentes e das doenças do trabalho, como lesões por esforço repetitivo; inexistência de ações de prevenção e de assistência à saúde; e a importância dos saberes tradicionais na organização do trabalho na pesca artesanal.	O SUS e a Rede Nacional de Saúde do Trabalhador poderiam assegurar ações de vigilância em saúde do trabalhador, realização de exames médicos ocupacionais e melhoria do reconhecimento das doenças do trabalho, garantindo a inclusão do direito à saúde do trabalhador às categorias artesanais e não assalariadas.
A3	Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil	Registrou-se satisfação do público-alvo, para a maioria dos indicadores, o que pode relacionar-se tanto à utilização de recursos audiovisuais e estratégias que permitiram troca de experiências, quanto ao reconhecimento da importância da formação.	A experiência demonstra o potencial de desenvolvimento de atividades educativas junto a comunidades pesqueiras, com resultados que contribuem para o fortalecimento de cadeias produtivas locais, com promoção da segurança alimentar e da saúde do trabalhador.

A4	Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador	Os resultados evidenciam desafio da atuação em uma categoria não assalariada e tradicional, com relativa autonomia da gestão, que permanece em precárias condições de vida e sem acesso aos serviços de saúde do trabalhador. Essa comunidade expõe-se sem proteção, diagnóstico, tratamento e reconhecimento previdenciário, a trinta doenças relacionadas ao trabalho.	Necessidade de ações intersetoriais da VISAT, na perspectiva de redução da excessiva jornada de trabalho e organização do SUS, para reconhecimento das doenças do trabalho e garantia dos direitos previdenciários por meio de ações centradas na educação em saúde.
A5	Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	Os valores encontrados para DME em algum segmento do corpo, pescoço ou ombro e membros superiores distais foram 94,7%, 71,3% e 70,3%, respectivamente. Foi observado que as marisqueiras realizam longas jornadas de trabalho, mesmo com altas prevalências de DME.	Verificou-se que dentre os fatores determinantes da permanência destas pessoas nesta atividade está a necessidade de obtenção do sustento e da segurança alimentar da suas famílias com a venda e o consumo do marisco.
A6	Vigilância em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Baía de Todos os Santos: da invisibilidade à proposição de políticas públicas para o Sistema Único de Saúde (SUS)	Os estudos e intervenções revelaram as condições de trabalho e os riscos ocupacionais dessa atividade, sobretudo a exposição excessiva a movimentos repetitivos, e possibilitaram a quantificação da prevalência das lesões por esforço repetitivo e distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho (LER/Dort). Também contribuíram para analisar a qualidade de vida desses trabalhadores, a organização dos serviços de diagnóstico, a adaptação de protocolo clínico	Os estudos e as intervenções indicaram a possibilidade de reprodutibilidade desta experiência no âmbito da Visat no SUS. A inclusão da questão previdenciária é importante porque, frequentemente, o direito ao seguro acidentário aos pescadores é negado, pela ausência de serviços de saúde do SUS em condições de reconhecer doenças e acidentes do trabalho, caracterizar incapacidades, notificar e emitir a comunicação de acidente do trabalho (CAT), conforme o caso, ou encaminhar à perícia médica todos os incidentes relacionados a esse conjunto de direitos. Nega-se, por decorrência, o direito aos benefícios essenciais para tratar as enfermidades e para o retorno ao trabalho. Nessa

		de LER/Dort e a capacitação das Equipes da Estratégia Saúde da Família atuantes em territórios pesqueiros.	perspectiva, as intervenções devem envolver, simultaneamente, direitos ao tratamento da saúde por meio do SUS, à previdência social e ao trabalho digno.
A7	Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil	Demandas físicas agrupadas, nas etapas da coleta dos mariscos e na cata, se associaram, respectivamente, com DME em pescoço ou ombro [Razão de Prevalência - RP: 1,28 (IC95%: 1,09-1,49)] e DME em membros superiores distais [RP: 1,38 (IC95%: 1,05-1,83)], no modelo final ajustado. As RP ajustadas para DME em membros superiores distais foram de 1,26 (IC95%: 1,07-1,47), de acordo com as horas diárias dedicadas ao trabalho como marisqueira, e 0,74 (IC95%: 0,57-0,96) de acordo com o desenvolvimento de outro trabalho atualmente. O modo em que é desenvolvido o trabalho da marisqueira é importante para ocorrência dos DME.	O modo em que é desenvolvido o trabalho da marisqueira, assim como as características individuais são importantes para ocorrência dos DME. Foram encontradas altas prevalências de DME na população de marisqueira estudada. Não foram encontradas relações estatisticamente significantes de DME em pescoço ou ombro e DME em membros superiores distais com as demandas psicossociais do trabalho. Foram encontradas associações entre a idade e DME em pescoço ou ombro e idade, obesidade, horas diárias de trabalho e realização de outro trabalho além da mariscagem (no momento da entrevista) com DME em membros superiores distais.
A8	Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça	Quando mira no cotidiano de mulheres pescadoras dos manguezais e coroa da região Nordeste, 'Mulheres das águas' torna públicas pautas caras à contemporaneidade por se deslocarem do local para o universal sem prejuízo de leitura ou contextualização. Reconhecidos alguns avanços resultantes do engajamento de mulheres negras nos últimos anos, ainda há um longo caminho a percorrer neste novo século, no qual dar voz e espaço à diversidade ainda mostra-se como um espinhoso desafio.	Derrubar o muro das desigualdades, enfrentar e resistir às opressões que regem a sociedade brasileira, sobretudo nas relações de trabalho e nos meios de produção, significa mover estruturas seculares. E 'Mulheres das águas' colabora de forma grandiosa na construção desse novo mundo.

A9	<p>Derramamento de petróleo no litoral brasileiro: (in)visibilidade de saberes e descaso com a vida de marisqueiras</p>	<p>Percebeu-se que as marisqueiras e suas famílias são uma população muito exposta aos impactos negativos causados pelo derramamento de petróleo por se apresentarem significativos sob as perspectivas socioeconômicas, ambientais, produtivas e de saúde.</p>	<p>As doenças relacionadas ao trabalho têm sido constantemente negligenciadas junto à população trabalhadora em geral. Chama-se atenção para as políticas de saúde e de assistência social, pois como observado, as trabalhadoras não possuem seguro defeso, desemprego e emergencial com severas consequências na situação de INSAN das famílias, precisando ser monitoradas a curto, médio e longo prazo. A presença das marisqueiras nos ambientes de discussões foi tratada como fundamental para traçar estratégias para a VISAT e a VSA.</p>
A10	<p>Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS)</p>	<p>As mulheres pescadoras têm baixa escolaridade e renda. Enfrentam condições de trabalho precárias em ambiente inóspito (manguezal). Relatam quedas, fraturas, ferimentos, afogamentos e sintomas de distúrbios musculoesqueléticos relacionados ao trabalho, porém não consideram que estejam expostas à riscos. Esses acidentes são vistos por elas como inerentes ao processo produtivo e os agravos à saúde não são percebidos como decorrentes do trabalho. Também não identificam ações de promoção de saúde dirigidas a elas. Percebe-se uma diversidade de riscos ocupacionais no ambiente aquático, principalmente, por conta de agentes biológicos, como os peixes, mariscos e ostras; e de agentes físicos, como paus e pedras que podem provocar AT e consequentes perdas de mobilidade, levando à necessidade do uso do SUS, Além disso, as quedas também são comuns nos manguezais.</p>	<p>A pesca artesanal é um trabalho repleto de significados para as mulheres pescadoras. Apesar de ser uma atividade em que estão expostas a diversos tipos de riscos que podem resultar em doenças relacionadas ao trabalho, como LER e DORT, e em AT, como cortes, quedas e afogamentos, entre outros agravos, há uma dificuldade, por parte das pescadoras, em compreender tais situações como perigosas ou danosas à sua saúde. As situações relatadas e vivenciadas pelas trabalhadoras indicam que o serviço de saúde local ainda não atua a partir de uma visão de Saúde do Trabalhador. Há necessidade do Sistema Único de Saúde avançar na promoção da saúde, por meio de educação, vigilância e atenção em saúde com foco na prevenção de agravos relacionados à pesca artesanal.</p>

A11	Sintomas musculoesqueléticos em catadoras de marisco	<p>Foram entrevistadas 139 mulheres, com idade média de 44,3 anos: 66,9% casadas, 89,2% pardas/pretas, 93,5% com filhos, 57,6% com escolaridade até o fundamental incompleto, e com renda mensal média de R\$ 234,00 (menos de US\$ 60). Predominaram trabalhadoras que exerciam a ocupação por um período ≤ 30 anos (58,3%), com carga horária diária de até 6 horas (54,0%), sem pausa para almoço (89,9%), que carregavam até 25 kg em um dia de trabalho (57,6%), por um período ≤ 60 minutos (73,5%), e que avaliaram as condições de trabalho como muito ruim/ruim (60,4%). Todas relataram dores musculoesqueléticas e as principais queixas foram na região das costas. Evidenciaram-se como fatores de risco: excesso de movimento, muito tempo de trabalho com sobrecarga nos membros superiores, falta de descanso e ritmo de trabalho acelerado.</p>	<p>Este estudo foi realizado com uma população de catadoras de marisco, em local de difícil acesso. As trabalhadoras atuavam no setor informal e sob condições precárias de trabalho, com características laborais bem específicas que influenciavam suas condições de saúde. Também se limitou a descrever as prevalências de sintomas musculoesqueléticos e seus fatores de risco conhecidos, sem testar associações entre exposições e desfechos. As catadoras de marisco estão expostas a fatores de risco que as predispõem a lesões por esforço repetitivo e doenças relacionadas ao trabalho, o que pode explicar a alta prevalência constatada. No que diz respeito às condições em que trabalham, os resultados revelam que, embora reconheçam os riscos aos quais estão sujeitas, essas trabalhadoras apontam também a necessidade de garantir a subsistência de sua família e estabelecem uma relação de gratidão com a natureza que lhes proporciona esse recurso. Quanto maior a necessidade de sobrevivência maior a sobrecarga de trabalho. Os distúrbios musculoesqueléticos refletem-se na capacidade dos indivíduos de produzir força para o trabalho. Sendo assim, é verossímil supor que impactem de forma considerável as condições socioeconômicas das catadoras de marisco e de suas famílias, à medida que essas trabalhadoras dependem do bom condicionamento físico para manter suas atividades laborais.</p>
-----	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora

7 CONCLUSÃO

Em nosso trabalho analisamos a relação entre o processo produtivo e o adoecimento das marisqueiras no território brasileiro através da revisão integrativa da literatura. Foram incluídos 11 estudos nesta revisão, publicados entre os anos de 2011-2021 e observamos que a maioria dos estudos foram publicados mais recentemente demonstrando um aumento na publicação desta temática. A metodologia da revisão integrativa de literatura se mostrou como importante ferramenta para análise crítica e possibilitadora de construção sintética sobre a temática.

No entanto, não foram encontrados maior número de artigos sobre o tema publicados nas bases de dados estudadas e que preenchessem os critérios adotados no presente estudo. Diante disto, torna-se importante que sejam realizados mais estudos sobre o tema, uma vez que o conhecimento do processo produtivo e do adoecimento das marisqueiras na pesca artesanal é essencial para subsidiar a construção de políticas públicas, especialmente as de atenção e vigilância em saúde.

Pudemos observar que o processo produtivo das pescadoras é marcado por diversas etapas dentro de sua jornada de trabalho. As etapas do processo de trabalho citadas nos estudos analisados foram: o deslocamento, a pesca propriamente dita, o beneficiamento, o preparo e a venda do produto. Foram evidenciadas a precarização das condições de trabalho envolvendo locais de pesca inóspitos e poluídos, sobrecarga física, posturas inadequadas e ritmos de trabalho extenuantes envolvendo movimentos repetitivos, em consequência da necessidade de sobrevivência das trabalhadoras e suas famílias.

A categoria das pescadoras se inclui no leque das relações de trabalho autônomas, não assalariados, mas que possui o direito previdenciário. No entanto, a percepção das marisqueiras contidas nos estudos, é a de reforço de que elas não têm reconhecimento previdenciário, tornando-as inviabilizadas de direitos trabalhistas. Isso se dá pela dificuldade na regularização do RGP e que na prática as mulheres e os jovens pescadores não o têm conseguido, pela descontinuidade

política do Ministério da Pesca, tendo como consequência a exclusão do auxílio a milhares de trabalhadoras.

A questão do gênero é marcante na divisão do trabalho de extração de mariscos, realizada principalmente por mulheres e crianças. O papel da mulher na pesca artesanal é marcado nos estudos através da utilização do termo dupla jornada de trabalho, uma vez que há o trabalho da pesca (fora de casa e domiciliar) e o trabalho doméstico.

Identificamos que acerca do processo de adoecimento os estudos, em sua maioria, deram foco as discussões sobre Lesões Por Esforços Repetitivos (LER), Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) e Distúrbios Musculoesqueléticos (DME). Foi observado que as marisqueiras realizam longas jornadas de trabalho, mesmo com altas prevalências de DME e LER/DORT.

Alguns estudos trouxeram elementos sobre a relação entre o modo de produção e o adoecimento das pescadoras, de forma crítica, apontando que, para sua sobrevivência dentro do contexto capitalista, as trabalhadoras são submetidas a ritmos extenuantes de trabalho que acarretam no adoecimento. No entanto, verificou-se nos trabalhos a ausência de um debate mais aprofundado articulado à determinação social da saúde e a superação do modo de produção capitalista, pois as “soluções” ficam no campo das reformas.

Quanto às recomendações, os estudos orientam que o Estado atue de modo intersetorial, articulando o SUS, a Previdência Social, a Secretaria de Aquicultura e Pesca e outras instituições pertinentes. Ademais, o SUS e a Renast, poderiam assegurar ações de vigilância em saúde do trabalhador e melhoria do reconhecimento das doenças do trabalho. Ainda, as doenças relacionadas ao trabalho têm sido constantemente negligenciadas junto à população trabalhadora em geral. Chama-se atenção para as políticas de saúde e de assistência social, pois foi observado que as trabalhadoras não possuem seguro defeso, desemprego e emergencial com severas consequências na situação de INSAN das famílias.

A precarização das condições e relações de trabalho é condição estruturante da relação trabalho-saúde das marisqueiras, de forma que a sua superação é necessariamente a superação do capital. Nosso compromisso não pode ficar restrito

apenas às ações assistenciais, sobretudo quando as trabalhadoras já estão adoecidas pela lógica da produção capitalista. Se quisermos avançar para a conquista de uma sociedade em que o ser humano possa ser livre, precisamos ter um projeto de transformação social radical e, dentro deste, um programa para a saúde, com o SUS, e para além do SUS.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de; SILVA, Marcelo José de Souza e. Sobre a saúde, os determinantes da saúde e a determinação social da saúde. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 953-965, out./dez. 2014.

ANTUNES, Ricardo L. C. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Wánderon Cássio Oliveira. Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 100-134, 10 jul. 2020.

BATISTELLA, Carlos Eduardo Colpo et al. **Abordagens contemporâneas do conceito de saúde**. In. Fonseca AF, Corbo AMD. O território e o processo saúde-doença. Rio de Janeiro: EPSJV; Fiocruz; 2007. p. 51-86.

BOTELHO, L. L. R; CUNHA, C. C. A; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**. ISSN 1980-5756. Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/agosto de 2011..

BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório final da **VIII Conferência Nacional de Saúde**. 1986. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos Depois de Caracas. Brasília, 07 a 10 de novembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura, Brasil 2008-2009**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/estatistica/est_2008_2009_nac_pesca.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cartilha A saúde das pescadoras artesanais - atividades de pesca: rios, lagos e lagoas” 2018**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_pescadoras_artesanais.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022

BRASIL. Ministério do Trabalho. **CBO - Classificação Brasileira de Ocupação**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 11 mar. 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de vigilância em saúde ambiental e saúde do trabalhador - DSAST. **NOTA INFORMATIVA Nº 5/2018-DSAST/SVS/MS**. Informa sobre as principais demandas de vigilância em saúde de trabalhadoras e trabalhadores da pesca artesanal e recomenda ações. Disponível

em:<https://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/noticias/sei_ms_-_nota_informativa_conjunta.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022

BREILH, Jaime. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 31, p. 13-27, 2013.

DA CONCEIÇÃO, Evandro Luiz. Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 2, 2019.

DA SILVA, A. P. **Pesca artesanal brasileira: aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos**. Embrapa Pesca e Aquicultura-Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento (INFOTECA-E), 2014.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Boitempo Editorial, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A origem da propriedade privada e do Estado**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FALCÃO, Ila Rocha et al. Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 2469-2480, 2015.

FALCÃO, Ila Rocha et al. Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2557-2568, 2019.

FAO. **The State of World Fisheries and Aquaculture 2020**. Sustainability in action. Rome. 2020.

FIPERJ. Fundação Instituto da Pesca do Estado do Rio de Janeiro. **Relatório Anual 2016**. Disponível em:<https://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/noticias/sei_ms_-_nota_informativa_conjunta.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022

FIOCRUZ PERNAMBUCO.Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (LASAT). **Vulnerabilizações socioambientais e em saúde das populações expostas ao petróleo bruto e a reparação comunitária no litoral pernambucano**. Projeto de Pesquisa em Andamento. 2022

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Editora Elefante, 2020.

GOMEZ, Carlos Minayo; LACAZ, Francisco Antonio de Castro. Saúde do trabalhador: novas - velhas questões. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p.797-807, jan. 2005.

GURGEL, A. M. **Uso do coque verde de petróleo como matriz energética em Pernambuco e a perspectiva da vigilância em saúde: Estudo de Caso no**

Complexo Industrial Portuário de Suape. Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo. Diário de uma favelada.** 1. Ed. São Paulo: Átila, 2020.

LACAZ, Francisco Antonio de Castro. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 757-766. abr. 2007.

LAURELL, A. C. A saúde-doença como processo social. **Medicina social: aspectos históricos e teóricos.** São Paulo: Global, 1983. p. 1333-1358.

LAURELL, A. C; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário.** São Paulo: Hucitec, 1989.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LIRA, Paulo Victor Rodrigues de Azevedo. **A determinação social da saúde dos(as) trabalhadores(as) da confecção do agreste pernambucano: desgaste e adoecimento como expressão da superexploração da força de trabalho.** 2018

LOPES, Isabelle Bernardina da Silva et al. Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2010.

MENDES, Rene; DIAS, Elizabeth Costa. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 5, n. 25, p.341-349, jan. 1991.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - Enferm**, Florianópolis, v. 17 , n. 4, p. p. 758-64, Out-Dez 2008.

MINAYO-GOMEZ, Carlos. Avanços e entraves na implementação da Política Nacional de Saúde do Trabalhador. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 38, n. 127, p. 21-25, mar. 2013.

MINAYO-GOMEZ, Carlos; THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p.21-32, jan. 1997.

NETO, A. J. R.; SANTOS, M. O. S. DOS; MELO, P. DE S.; et al. **Situações de Conflito e Construção de Sentidos nas Redes Sociais.** Recife-PE, 2017.

NÓBREGA, Gabriela Silva da et al. Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1561-1571, 2014.

OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; SILVA, Vera Lúcia da. **O Processo de Industrialização do Setor Pesqueiro e a Desestruturação da Pesca Artesanal no Brasil a partir do Código de Pesca de 1967**. Sequência (Florianópolis), p. 329-357, 2012.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; FREITAS, Maria do Carmo Soares de; CARDIM, Adryanna. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 3383-3392, 2011.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; MARTINS, Vera; REGO, Rita Franco. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 38, p. 57-68, 2013.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; MARTINS, Vera Lúcia Andrade. **Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais**. Edufba, 2014.

PENA, P. G. L.; GOMEZ, C. M. Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador. **Cienc Saude Colet**, 2014;19(12):4689-98.

PINTO, Pedro Benicio Almeida; BASTOS, Rafael Schneider; DE SOUSA, Everthon Cosme. **Impactos da pandemia de COVID-19 na atividade pesqueira artesanal de Itaipu**. Mares: Revista De Geografia E Etnociências, v. 2, n. 2, p. 61-71, 2020.

RÊGO, Rita Franco et al. Vigilância em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Baía de Todos os Santos: da invisibilidade à proposição de políticas públicas para o Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 43, 2018.

RIGOTTO, R. M.; AGUIAR, A. C. P.; RIBEIRO, L. A. D. **Tramas para a Justiça Ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias**. Fortaleza: Edições UFC, 2018.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da diáspora negra ao território das águas: ancestralidade e protagonismo de mulheres na comunidade pesqueira e quilombola Conceição de Salinas-BA**. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1976.

SANTOS JUNIOR, Carlos Francisco dos; POLETTO, Patrícia Rios; BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. **Colônias de pescadores da região costeira do Estado de**

São Paulo: empoderamento, saúde e qualidade de vida. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 26, 2022.

SANTOS, M. O. S.; GURGEL, A. M.; GURGEL, I. G. D. **Conflitos e injustiças na instalação de refinarias: os caminhos sinuosos de Suape, Pernambuco.** Ed. Universitária da UFPE. Recife, 2019.

SILVA, Luiz Geraldo. **A Faina, a Festa e o Rito. Uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sécs. XVII ao XIX).** Campinas, SP : Papirus, 2001.

SILVA, José Marcos da et al. **Conflitos ambientais e as águas do rio São Francisco. Saúde e Sociedade,** v. 24, p. 1208- 1216, 2015.

SILVA, Luiz Rons Caúla da et al. Derramamento de petróleo no litoral brasileiro:(in) visibilidade de saberes e descaso com a vida de marisqueiras. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 26, p. 6027-6036, 2021.

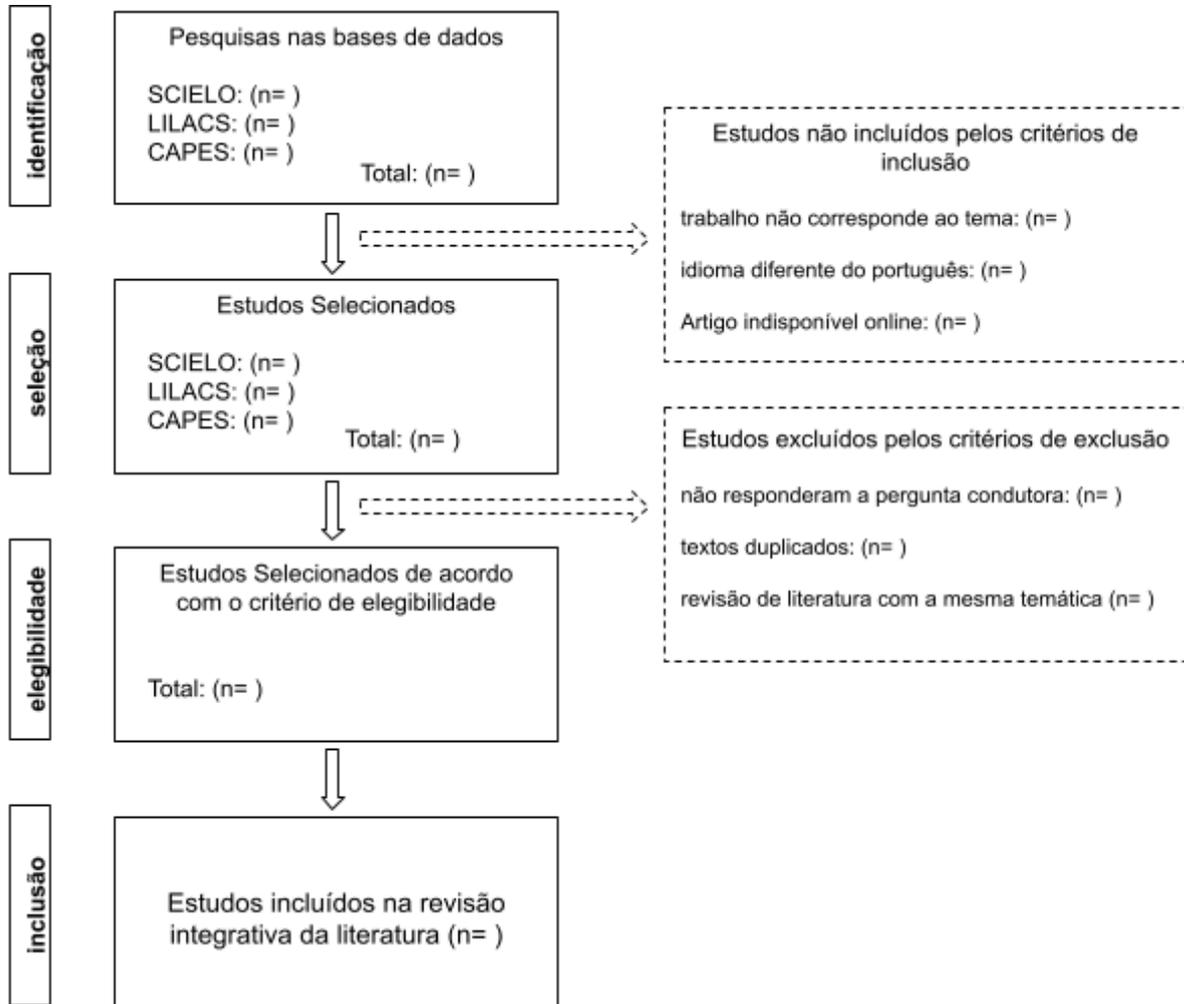
SILVA, Rafaela Almeida da et al. Sintomas musculoesqueléticos em catadoras de marisco. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional,** v. 46, 2021.

SOUZA, Diego de Oliveira; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da; SILVA, Neuzianne de Oliveira. Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da "questão social". **Saúde e Sociedade,** v. 22, p. 44-56, 2013.

THE PRISMA GROUP. **Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement.** 2009. Disponível em:<www.prisma-statement.org>. Acesso em: 11 mar. 2022

APÊNDICE A

Fluxograma PRISMA - adaptado



APÊNDICE B
Matriz de Síntese

1. Identificação do artigo (Exemplos: A1; A2; A3):
2. Título:
3. Autoria:
4. Ano de publicação:
5. Características metodológicas do estudo:
6. Objetivo do estudo:
7. Principais elementos sobre o processo produtivo:
8. Principais elementos sobre o processo de adoecimento:
9. Principais resultados:
10. Principais recomendações/conclusões: